



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO ESPECIAL - PL 5201/13 - PROFORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0032/14	DATA: 19/02/2014	
LOCAL: Plenário 7 das Comissões	INÍCIO: 14h50min	TÉRMINO: 17h14min	PÁGINAS: 54

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Técnico da Seleção Brasileira de Futebol Sub-17 e Assistente Técnico do Coordenador das Categorias de Base, representando a Confederação Brasileira de Futebol — CBF.

PAULO ROBERTO PRADO - Vice-Presidente do Clube Grêmio Náutico União.

TONINHO NASCIMENTO - Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, do Ministério do Esporte.

MANUEL PEREIRA - Representante do Club de Regatas Vasco da Gama.

SUMÁRIO

Debate sobre o fortalecimento do esporte das categorias de base em todas as modalidades, para formação de novos atletas.

OBSERVAÇÕES

Houve intervenção fora do microfone. Inaudível.

Houve intervenção ininteligível.

Há orador não identificado em breve intervenção.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Havendo número regimental, declaro aberta a 11ª Reunião Ordinária da Comissão Especial destinada a proferir parecer ao Projeto de Lei nº 5.201, de 2013, apensado ao PL nº 6.753 — PROFORTE, do Sr. André Figueiredo, que *“altera a Lei nº 11.345, de 14 de setembro de 2006, para modificar a destinação dos recursos dos valores arrecadados no concurso do prognóstico denominado Timemania, com o objetivo de torná-la mais atraente para seus apostadores e de aumentar a capacidade de pagamento das entidades desportivas quanto às suas dívidas fiscais junto à União, e dá outras providências”*.

Ordem do Dia. Esta reunião foi convocada para a realização de audiência pública com o objetivo de debater o fortalecimento do esporte de categorias de base, em todas as modalidades, para a formação de novos atletas, atendendo ao Requerimento nº 20, de 2013, de autoria do Deputado Afonso Hamm.

Convidamos aqui para o debate, e para fazer parte da Mesa, o Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, representando o Ministério do Esporte, Sr. Toninho Nascimento. Ao final, ele vai dizer aqui como vai distribuir os ingressos da Copa do Mundo. Quem for embora antes vai perder o direito de assistir às partidas da Copa do Mundo. *(Risos.)*

Quero convidar o Sr. Caio Cesar Zanardi Gomes da Silva, Técnico da Seleção Brasileira de Futebol Sub-17 e Assistente Técnico do Coordenador das Categorias de Base, representando a Confederação Brasileira de Futebol — CBF, e também o Sr. Paulo Roberto Prado, Vice-Presidente do Clube Grêmio Náutico União, onde o Deputado Afonso Hamm foi goleiro. É isso?

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Não, foi no Brasil de Pelotas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Ah, no Brasil de Pelotas.

O Sr. Paulo Roberto Prado está dando entrevista e, em seguida, fará parte da Mesa aqui conosco.

Antes de passar a palavra aos nossos convidados para as suas exposições, peço a atenção dos Srs. Deputados para os procedimentos a serem observados durante a audiência: o convidado disporá de até 20 minutos para a sua exposição, não podendo ser aparteado; no fim das exposições, será concedida a palavra aos Deputados, observada a ordem de inscrição, para, no prazo de 3 minutos, cada um



formular as suas considerações ou pedidos de esclarecimento, dispondo os convidados do mesmo tempo para a resposta; serão permitidas a réplica e a tréplica, pelo prazo de 3 minutos, prorrogáveis.

A lista de inscrição para os debates encontra-se à disposição dos Srs. Deputados na mesa de apoio.

Com a palavra o Sr. Caio Cesar Zanardi Gomes da Silva, por até 20 minutos.

O SR. CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Boa tarde a todos! É um grande prazer participar desta audiência pública para debater sobre o trabalho desenvolvido nas categorias de base e sobre o fortalecimento do esporte nas categorias de base. Então, agradeço muito pelo convite, e esperamos poder debater e ajudar o futebol brasileiro.

Sou o Caio Zanardi, Técnico da Seleção Brasileira Sub-17. Fui atleta das categorias de base do Palmeiras durante 5 anos. Posteriormente, tive uma fratura e não pude continuar como atleta.

Estudei e me formei, e tenho experiência de 6 anos no próprio Palmeiras como treinador de categorias de base e de mais 3 anos no Audax, do Pão de Açúcar, com o Carlos Brunoro. Fiquei os últimos 6 anos nos Emirados Árabes como coordenador-técnico das categorias de base e, no ano passado, fui convidado a participar desse projeto da CBF como treinador da Seleção Sub-15. No final deste ano, recebi o convite para começar o trabalho e continuar com a geração 98 na categoria Sub-17.

O que eu vejo nas categorias de base é que houve o fim da era do futebol de rua. Devido à urbanização, acabaram os campos de futebol nos bairros. Agora há condomínios, lotes, enfim, não tem mais o futebol de rua. Então, o menino precisa ir para os clubes com 9, 10 ou 11 anos.

E o que acontece? Nós temos um agravante nisso. Pelo art. 60 do Estatuto da Criança, é proibido qualquer trabalho ao menor de 14 anos de idade, salvo na condição de aprendiz. Então, os clubes não podem alojar esses meninos e começar um trabalho de formação muito cedo, e isso gera um problema muito grande.

Na categoria Sub-15, onde trabalhei no ano passado, nós fomos para o Sul-Americano numa situação muito crítica. A convocação para o Sul-Americano foi em



agosto, e tivemos só duas convocações. Nós tivemos 20 dias de trabalho, pois os clubes não tinham esse tempo hábil para poder trabalhar os meninos.

E, conversando com as outras seleções, vimos que o trabalho nos Estados Unidos já havia começado há 2 anos; no Chile, há 1 ano e 6 meses; e, no Uruguai, há 1 ano e 8 meses. E a nossa Sub-15 está muito atrás.

Então, esse é um dos pontos muito importantes que nós temos que rever no Estatuto da Criança. Todos os clubes têm esse problema de alojar e começar o trabalho com os menores de 14 anos, só podendo iniciar esse trabalho a partir dos 14 anos. Isso gera, dentro do processo de formação do atleta, um problema sério, que só vai começar a se equilibrar na categoria Sub-17.

Outro ponto importante dentro do trabalho de formação: os clubes começam a fazer os trabalhos nas categorias Sub-15, Sub-17 e Sub-20 e, muitas vezes, o atleta chega à categoria Sub-20 e não tem a sequência na equipe profissional. Com isso, o que ocorre? O clube tem o começo e o meio, mas não tem o fim. Somente dois atletas por categoria vão ter sucesso na carreira como atleta. E, com isso, ele não tem outra carreira sem ser a do futebol, ele não está preparado para sair do clube e começar uma vida sem ser no futebol. Este também é um ponto que precisa ser revisto.

Um ponto superimportante também é a questão do treinador. Para o treinador de futebol, existe a formação acadêmica, que é a preparação física, a educação física; existe o Conselho Regional de Educação Física — CREF, para o qual o próprio treinador paga as suas contribuições anuais; existe o Sindicato dos Treinadores, para o qual também se paga anualmente para poder fazer parte; e, hoje, existe também a CBF, que fez um curso para os treinadores com níveis de atuação — nível A e nível B, um para a categoria de base e outro para a categoria profissional.

E nenhum dos três — nem a CBF, nem o CREF, nem o Sindicato — é regulamentado. Então, hoje há uma briga muito grande entre os três, e nenhum é regulamentado. Eles deveriam ser regulamentados também, para poder melhorar a capacitação do profissional.

Nós vamos falar de investimento nas categorias de base em centros de treinamento que estão sendo feitos. Evoluíram muito as categorias de base nesses



últimos 10 anos. Os clubes se prepararam muito, principalmente o formador, que tem muito mais recursos do que os outros clubes. Só que não podemos esquecer de que quem forma o atleta são os profissionais. Então, temos de capacitá-los. Não podemos ter estrutura, campos, fisiologistas, médicos, nutricionistas se nós não temos o profissional hábil para trabalhar. Isso é muito importante, porque cada uma das categorias Sub-11, Sub-13, Sub-15, Sub-17 e Sub-20 precisa ser trabalhada de uma forma. Você não pode executar o mesmo trabalho no Sub-20 e no Sub-11. Cada categoria tem sua faixa etária que precisa ser respeitada, tem o seu método de trabalho, e cada clube, hoje, tem suas metodologias. Essa captação do clube em cima do profissional evoluiu muito, mas ainda está longe do trabalho de excelência de que precisamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Você ainda tem um crédito para concluir. Estamos acostumados com oradores que estouram o tempo, então, quero parabenizá-lo pela objetividade e pelas brilhantes colocações.

Muito obrigado. Fique à vontade.

O SR. CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Essas discussões em cima de categoria de base são muito importantes. Quando eu trabalhava nos Emirados, nós tivemos várias palestras com vários presidentes. Em uma delas, o Presidente do Porto explanou algumas situações. O Porto é um clube pequeno de Portugal que investe muito nas categorias de base. Todo profissional que chega ao clube faz uma série de avaliações, e o atleta é trabalhado dentro da metodologia do Clube do Porto. Hoje, dos 11 atletas do Porto que iniciaram jogando no profissional, 9 foram formados dentro da categoria. O Presidente explicou que todo investimento, todo recurso que ele capta, ele investe nas categorias de base. Então, ele recruta meninos ou vem ao Brasil e contrata jogadores baratos, na faixa de 1 milhão, 2 milhões, trabalha esse atleta nas suas categorias e os vende por 40 milhões, 50 milhões. Ele explanou que capacita todos os profissionais e que paga muito bem seus profissionais para retribuírem com o que ele quer: a formação.

Portanto, o trabalho de base tem que ser visto, tem que ser feito. A visão tem de se voltar para as categorias de base. Eu não vejo outra saída se não houver investimentos nas categorias de base, não só no futebol como em todos os



esportes. Isso é o futuro do Brasil e até dos Jogos Olímpicos, do atleta olímpico. Não vejo outra saída.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Muito obrigado, Caio, pela exposição. Depois, vamos abrir o debate, porque essa é uma matéria muito interessante.

Registro a presença do Werner Magalhães, Vice-Presidente da CBF. Na Mesa, temos o Relator da matéria na Comissão, Deputado Otavio Leite, e o Deputado Afonso Hamm, autor do requerimento. E registro a presença dos demais Deputados da Comissão.

Passo a palavra ao Paulo Roberto Prado, Vice-Presidente do Clube Grêmio Náutico União.

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Boa tarde a todos! Primeiramente, em nome do Grêmio Náutico União, gostaria de agradecer a esta Comissão o convite para que fôssemos ouvidos.

Eu sou Vice-Presidente do Grêmio Náutico União, clube de Porto Alegre que está entre os três maiores clubes do Brasil, juntamente com o Pinheiros e o Minas Tênis Clube, e que é um dos grandes clubes formadores de atletas olímpicos.

Nós temos 108 anos de história e temos nos destacado basicamente pela formação de atletas. A nossa preocupação é não só com a formação de atletas, mas também com a formação de indivíduos. Entendemos que, através do esporte, teremos indivíduos melhores e uma sociedade melhor, porque a criança que está praticando esportes está longe das ruas, está longe das drogas.

Nesses últimos anos, o União tem se destacado por sempre participar de olimpíadas com seus atletas. Eu quero destacar aqui, quando falo de formação, a nossa atleta Daiane dos Santos, que foi formada dentro do União e conquistou a sua primeira medalha em campeonato mundial quando era do Grêmio Náutico União. Isso demonstra exatamente o trabalho de seriedade que é feito dentro do Grêmio Náutico União na formação de atletas e de indivíduos.

O Grêmio Náutico União, como vários clubes associativos desportivos, tem a sua maior arrecadação, a sua maior renda, vinda da contribuição associativa, da mensalidade dos seus associados.



Naturalmente, para investir no esporte, o clube tem que investir no esporte de competição, no esporte de alto rendimento, e também não pode deixar de investir em infraestrutura para os seus associados. Isso demanda um custo bastante alto para a manutenção dos seus esportes, e tem que se recorrer à busca de patrocínios, que nem sempre são fáceis de conseguir.

Uma das grandes cargas para um clube associativo do nosso porte são os recolhimentos previdenciários, porque entendemos que o tratamento que é dado a um clube associativo como o nosso, na arrecadação previdenciária, é como o de uma empresa. E um clube como o Grêmio Náutico União não é uma empresa porque não tem fins lucrativos.

Então, buscamos, com esta Comissão, um tratamento diferenciado para os clubes associativos desportivos, porque os clubes de futebol têm um tratamento diferenciado no recolhimento previdenciário, e os clubes associativos desportivos, de esportes olímpicos, têm um tratamento como o de uma empresa comum, e não são empresas comuns.

Esse é basicamente o nosso pleito e a nossa sugestão a esta Comissão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Caio, pela contribuição.

Os nossos convidados hoje estão economizando no tempo. Toninho, se você quiser tomar emprestado, vai ter tempo de sobra.

O SR. TONINHO NASCIMENTO - Vou falar 45 minutos. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Isso.

Com a palavra o Toninho Nascimento, Secretário Nacional de Futebol do Ministério do Esporte, representando aqui o Ministério do Esporte.

O SR. TONINHO NASCIMENTO - Quero agradecer ao Deputado Vicente Candido, ao Deputado Otavio Leite, ao Deputado Afonso Hamm e ao Caio.

Quero falar um pouquinho aqui sobre quais são as iniciativas hoje do futebol e os exemplos que a gente pode dar. Eu tenho usado muito o exemplo da Alemanha, que, em 2000, na Eurocopa da Bélgica e da Holanda, foi eliminada na primeira rodada.

Então, se reuniram federação e liga. E uma vantagem que eles têm — e eu espero que um dia nós também a tenhamos — é a liga dos clubes, pois eles



decidiram mudar a formação de base do futebol alemão. O resultado é esse que a gente conhece hoje, 14 anos depois: a gente está morrendo de medo deles na Copa do Mundo.

O que eles fizeram, que eu acho extremamente interessante? A federação ficou responsável — isso com o Governo ajudando de todas as formas — pela formação dos jogadores de 10 a 14 anos. Na verdade, na cabeça dos alemães, o futebol era o melhor elemento de integração de uma sociedade que tinha um número excessivamente grande de imigrantes. Isso é um pouco diferente do Brasil.

Um dado curioso: um terço das crianças de até 5 anos na Alemanha são filhos, netos de imigrantes, ou não falam alemão. Então, o futebol era a forma de socializar um garoto de 2, 3, 4 anos que não falava alemão.

Então, o que eles fizeram, e que eu achei muito interessante? A Federação Alemã ficou responsável pela formação de crianças de 10 a 14 anos dentro das escolas, completamente integradas às escolas. O estudo é fundamental e não pode ser prejudicado em nenhum momento. É quase um contraturno, como no Programa Segundo Tempo do Ministério do Esporte.

E nesse processo de integração, o que eu achei interessante também é que eles fazem com que as crianças joguem em várias posições, para que as crianças tenham maior comunicação. Ou seja, eles vão construindo também — e uso uma palavra meio batida — cidadãos, independentemente do futebol.

E depois vem a segunda etapa, que é de 14 a 17 anos. A Liga Alemã ficou responsável por criar academias de formação. A partir desta temporada, se não me engano — eram só clubes da Série A do Campeonato Alemão, da Bundesliga —, incluíram a Série B também. Todos os clubes são obrigados a criar academias de formação de atletas, dentro daquele mesmo conceito de formar pessoas.

Temos alguns dados interessantes: essas academias passam por avaliações periódicas para ver se o treinamento dos técnicos, dos fisioterapeutas — o que o Caio acabou de falar —, para ver se esse conjunto, que é fundamental — e não damos muito valor a eles aqui no Brasil —, de profissionais que trabalham com esses atletas está mantendo um nível médio de excelência.

Outra coisa interessante: eles trabalham muito com a ideia, de que eu gosto, de que essa academia de formação é onde você forma os técnicos e os profissionais



para as categorias de cima. Na Alemanha, por exemplo — o Caio deve saber —, você tem técnico A e B ou C. O cara não vai treinar um time de primeira divisão se não tiver passado por um treinamento. Uma coisa que no Brasil acontece muito com ex-jogadores é que o cara sai do campo para ser treinador! Ele não se especializa naquele processo. E esse técnico — sem falar mal das pessoas —, despreparado, pega um garoto de 17 anos. Então, esse cara não tem conhecimento de fisioterapia, de preparação física, de uma série de coisas.

A Alemanha parece-me ser um processo muito bom para pensarmos um pouquinho o que pode ser feito no futuro. E não é bem no futuro, porque eu acho que é uma coisa que, pelo menos no futebol feminino, temos feito agora no Ministério. Haverá um legado, Deputado Afonso Hamm — por sinal, um dos responsáveis em relação à Copa do Mundo. Na África do Sul, algo em torno de 50 milhões de dólares foi entregue àquele país pós-Copa. Por sinal, diferente do nosso. Na África do Sul, só a partir do ano passado esse dinheiro começou a ser entregue pela FIFA. Então, é possível que a gente tenha — palavras do Blatter — algo em torno de 120 milhões de dólares para legado da Copa do Mundo para o futebol feminino — eu espero — e para a formação de atletas no Brasil. No Ministério, eu estou juntando as pessoas do futebol feminino para fazer o dever de casa: o que nós vamos apresentar à FIFA, ao final da Copa do Mundo, sobre formação de atletas, para não desperdiçarmos esse dinheiro?

Quero, antes de terminar, dar um segundo exemplo, que acho interessante, o dos americanos, que fizeram de outra forma. Os Estados Unidos criaram a United States Soccer Foundation. Esta organização de fundos públicos e privados — lá é muito mais fácil ter recursos privados — é encarregada do futebol como formação social. É o que hoje faz o Gol de Letra, é o que fazem as ONGs brasileiras.

Então, também há essa ideia do legado da FIFA. Por que não criar uma fundação para a qual seria alocado o dinheiro da FIFA para formação, para distribuição, de acordo com os clubes das séries A, B ou o que for, a fim de tentarmos formar alguma estrutura que permitisse desenvolver os nossos atletas?

Eu acho que a gente chega a um momento — e eu me lembro sempre da Alemanha, em 2000 — em que a ideia de que o futebol nasce naturalmente, de que



não precisa de profissionalismo, de que não precisa de formação é uma ideia que não vinga mais, é uma coisa já ultrapassada.

Basicamente era isso que eu queria falar.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Maravilha. Esses palestrantes serão convidados sempre, econômicos no tempo, não vão dar trabalho algum. Vai sobrar tempo para o debate dos Parlamentares, que costumam se estender um pouco mais, pela natureza democrática do debate.

Quero registrar aqui a presença do Manuel Pereira, Diretor de Futebol Amador do Vasco da Gama. Obrigado pela presença. Conto com a sua participação no debate. Peço que as demais entidades presentes registrem-se com a assessoria da Mesa para que a gente possa anunciá-las também.

Portanto, vamos agora passar a palavra ao autor do requerimento, Deputado Afonso Hamm.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Em primeiro lugar, é uma satisfação termos tomado a iniciativa de propor esta audiência pública exatamente pensando e trabalhando — estou no meu segundo mandato como Deputado Federal —, adotando como bandeira, do ponto de vista do esporte e da nossa atuação no Congresso, iniciativas, inclusive legislativas, no sentido de fortalecer essa formação, com enfoque muito forte no conceito e na necessidade das categorias de base.

Eu falo isso — e recordo-me — porque aos 12, 13 anos de idade iniciei a minha atividade esportiva no Grêmio Esportivo Bagé, na categoria de base. Depois, com 17 anos de idade, eu tive a primeira oportunidade de defender, na condição de goleiro, o Grêmio Esportivo Bagé contra o Inter de Santa Maria pelo Campeonato Gaúcho. Aos 17 anos de idade, aquilo foi um desafio. Quem conhece futebol sabe que, para um goleiro de 17 anos, é difícil uma oportunidade como aquela, também pelas circunstâncias.

Eu sou engenheiro agrônomo, formado pela Universidade Federal de Pelotas, mas foi exatamente através do futebol que tive uma oportunidade extraordinária. A minha base, depois de ter estado na Seleção Gaúcha, que foi campeã brasileira em 1980, para a qual fui convocado — fomos campeões no Mineirão —, foi em Pelotas, em função dos estudos. Tive oportunidade de morar, inclusive na minha fase inicial



de vida, exatamente onde é hoje o vestiário do Grêmio Esportivo Brasil — Xavante. Lá eu iniciei os meus estudos e a minha atividade como jogador também. Depois fui profissionalizado. Em 1983, tive a satisfação de ser vice-campeão gaúcho, com o hoje treinador da Seleção, Felipão, e o Mortoza, dupla que trabalha há muito tempo de forma associada com grande desempenho.

Falo isso porque, quando me dedico às questões da formação, essa experiência e essa oportunidade que eu tive e que muitos atletas têm... No meu caso, com 23 anos, encerrei a carreira de jogador, porque estava formado como engenheiro agrônomo e fui trabalhar na área agrícola. Cheguei ao Congresso com esse conhecimento, mas hoje me dedico muito à área do esporte.

No sentido legislativo, quero fazer — e agradeço aos convidados — uma referência: nós tomamos a iniciativa do art. 29 da Lei Geral da Copa, que diz que é necessário que a FIFA deixe parte do seu lucro como resultado para investir na formação dos atletas, para investir na construção de centros de treinamento.

Nós falamos muito em legado. E o legado, na minha opinião, é exatamente o legado na formação, para que esses investimentos venham a chegar aos clubes de futebol. Isso serve para os grandes, mas também para os médios e pequenos clubes que fazem parte da estrutura do futebol.

O Secretário Toninho aqui já fez referência a que nós conquistamos 20 milhões, que vão ser trabalhados, num primeiro momento, para os 15 Estados que não são sedes — isso é importante — e, num segundo momento, 80 a 100 milhões, pós-Copa, atingindo o País inteiro, para a construção desses centros de treinamento.

Se na África foi de uma forma, aqui no Brasil, na Lei Geral da Copa, nós colocamos — inclusive tem uma contribuição também do Deputado Romário — uma emenda de plenário para que parte desses recursos incluía jovens que tenham deficiência, estimulando neles a prática esportiva. É uma iniciativa importante também.

Como já há um projeto do legado em relação à Copa, cuja gestão vem sendo feita pela FIFA, no modelo brasileiro nós estamos podendo fazer essa interação. Eu tive a colaboração do Relator da Lei Geral, Deputado Vicente Candido, que está aqui ao nosso lado, que fez a interlocução com a FIFA, através da CBF, de forma



direta. E hoje, o que parecia impossível — tirarmos uma parte do resultado para efetivar investimentos na formação — está aí sendo finalizado, ultimado como um desenho estrutural para alocar recursos que deverão ultrapassar 100 milhões, chegando, quem sabe, a 120 milhões. É um começo importante de responsabilização e de diretriz em relação a esse aspecto.

Queria fazer esse comentário porque, quando fizemos esse estudo com a Consultoria, eu procurei também, ao longo desse tempo, possibilitar a oportunidade de criar um fundo formador. Estudamos e elaboramos ideias. Está presente a nossa Assessora Parlamentar Carolina, desta Casa, que nos ajudou muito, juntamente com um conjunto de qualificados consultores que nós temos. E hoje vou apresentar a proposta — a exemplo do que fizemos em audiência pública no Rio Grande do Sul — do art. 29, que tem os desdobramentos a que eu fiz referência.

Da mesma forma, eu queria entregar ao Deputado Vicente Candido, ao Deputado Otavio Leite, que é o nosso Relator, com o qual nós temos atuado muito, e também ao Presidente Jovair, que não está no momento, mas está aqui representado, a nossa proposição, sujeita logicamente à colaboração, exatamente para buscar fontes de recursos para criar esse fundo formador.

Dentro da proposição do PROFORTE, que é a discussão que nós estamos fazendo, nós fizemos a proposição da Loteria Instantânea, para a qual está previsto um incremento de receitas grande, a Raspadinha, em que 10% do faturamento dessa futura receita — não estamos tirando de receitas atuais — possam ser alocados para o fundo formador. Uma parte, dentro da proposta do projeto, é que 90% das dívidas dos clubes possibilitem a condição de fazer o encontro dessas dívidas com bolsas de formação, não só na modalidade do futebol, mas também em outras modalidades de esporte e nas atividades olímpicas.

Então, a razão de nós promovermos este debate hoje aqui — e já ouvimos parte dos convidados, dos nossos palestrantes, primeiro na pessoa do Caio, com quem eu tive oportunidade de uma conversa e uma interação muito boa hoje pela manhã — foi esta: fizemos questão de que a CBF estivesse aqui representada. E esteve, pelo seu Vice-Presidente Weber Magalhães. Por que fizemos questão disso? Porque a CBF é a entidade maior da organização do futebol brasileiro, e é a esta entidade que se referem tantas críticas. A entidade deve e tem que estar



participando desses debates sobre organização estrutural, do ponto de vista legislativo, nos quais também se apresentam contribuições exatamente para qualificar e melhorar o esporte brasileiro.

É claro que a pauta, quando se fala de CBF, é futebol. Quando se fala de formação, também tínhamos que ouvir — e nos aprofundarmos nisto, o que vamos fazer — as dificuldades e onde estão os gargalos das categorias de base. Aí vem uma limitação, comparativamente a outros países: só podem ir para um centro de treinamento jovens que já completaram 14 anos, diferentemente do que ocorre em outros países.

Da mesma forma, o nosso Secretário de Futebol, o competente Secretário Toninho, tem feito um esforço na representação junto ao Ministro Aldo Rebelo, que é, naturalmente, a instância de competência de Governo em relação a esse tema do esporte, para trazer comparativos com outros países. Nós temos naturalmente que estabelecer algumas iniciações e efetivar encaminhamentos para que possamos fazer uma legislação de contribuição e avançar em relação à estruturação do futebol.

Então, para o nosso Presidente Paulo Roberto Prado, do Grêmio Náutico União, do meu Estado, o Rio Grande do Sul, um dos clubes formadores — convidamos também o Pinheiros e outros clubes —, quero apresentar a ideia que está aqui na parte de formação.

Nós temos, segundo os autores que estão aqui presentes, a proposição de trocar aquilo que é um passivo dos clubes, responsabilizando os dirigentes, mas trabalhando — e este é um desafio do Relator Otávio Leite — para constituir um texto que contemple exatamente a oportunidade de bolsas de formação, através de clubes formadores.

Na verdade, nós estamos trabalhando um cenário de oportunidade da Copa. Logo, estamos trabalhando as Olimpíadas e as Paraolimpíadas. Na quinta-feira passada me desloquei e estive com o Presidente Nuzman para também debater este tema. Eu achava que seria importante essa participação, mas vamos ter outros debates sobre isso. Estive no COL, o Comitê Organizador Local da Copa. Lá, encontrei-me com o Diretor de Legado, Rogério Caboclo. Nós os havíamos convidado, mas eles estão numa rodada em Florianópolis com as delegações das 32 seleções. Houve uma coincidência de datas. Mas eu submeti também essa



sugestão, que repassei ao nosso Relator e ao nosso Presidente, para que possamos aperfeiçoá-la e ter proposições efetivas, a fim de que busquemos mais recursos e os apliquemos na veia do futebol, na veia do esporte, que é a formação, e até mesmo naquilo que é anterior ao conceito de formação, a base, onde temos ainda deficiência.

Sem me alongar, digo que fico muito feliz por estar no conjunto dos nossos colegas Parlamentares e dos convidados, com as proposições que já chegaram aqui. Já chegou uma proposição do Grêmio Náutico União no sentido de uma correção de distorção para inclusão na lei. Tenho percebido que as nossas audiências públicas, com a participação dos colaboradores, das assessorias e de todos que têm participado, têm-se qualificado.

E nós temos trabalhado com desprendimento, sem receio algum de enfrentar, neste momento, um debate que para muitos parece um desgaste. Temos que buscar solução para o esporte brasileiro, quer seja para o futebol, quer seja para a outra estrutura, que são exatamente todas as modalidades olímpicas.

Para finalizar, com relação à oportunidade, indago: quantos jovens não estão tendo a oportunidade que nós podemos dar a eles de não estarem nos descaminhos, de estarem afastados das ruas, longe das drogas, como aqui foi dito?

Nós temos a ferramenta futebol, talvez a maior ferramenta de inclusão social, pela vocação que o País tem. Além disso, podemos estabelecer uma trajetória, uma caminhada para que tenhamos atletas de alto rendimento, medalhistas e, conseqüentemente, craques, jogadores, mas fundamentalmente, como falamos aqui, atletas com formação de cidadania, de compromisso, de responsabilização. Para todo jovem que passa pelo esporte, como eu, que tive esta oportunidade, tenho certeza de que isso é importante.

Às vezes se critica muito o Congresso. Aliás, se faz muita crítica ao Congresso, à política e aos políticos. Nós estamos nesta Comissão Especial fazendo efetivamente um grande esforço, principalmente na medida em que convidamos pessoas como o Diretor do Vasco, que está presente, atua com as categorias de base e vai falar com certeza, vai expressar-se. Temos tido a felicidade de enriquecer o debate.



Legislar de forma impositiva, sem participação? Foi isso que motivou o movimento das ruas. Por isso, o PROFORTE pode ser, na sua estrutura, apresentado e sensivelmente alterado, mas com contribuições, com debate, Deputado Otavio Leite e Deputado Vicente Candido. Tenho certeza de que principalmente os órgãos de imprensa, com a responsabilidade que têm, e os formadores de opinião sabem desta nossa vontade de constituir a busca de novas ideias e de contribuições, e efetivar algo no âmbito legislativo e no âmbito de políticas para o esporte.

Para finalizar, tenho dito algo que aprendi na nossa Comissão de Turismo e Desporto: precisamos de uma lei geral para o esporte. Imagino que neste ano de eleições e de Copa do Mundo, neste intervalo até o período das Olimpíadas e das Paraolimpíadas, poderemos nos debruçar sobre isso, com um viés de fortalecimento e estruturação de políticas de oportunidade, principalmente, aos nossos jovens.

Quero agradecer a oportunidade e cumprimentar todos os nossos palestrantes. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Deputado.

Vou passar a palavra ao nosso Relator, Deputado Otavio Leite. Em seguida, aos demais aos Deputados presentes. Até agora está inscrito somente o Deputado Asdrubal Bentes. *(Pausa.)*

O Deputado Rodrigo Maia está inscrevendo-se também.

Com a palavra o Deputado Otavio Leite.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Sr. Presidente, quero cumprimentar inicialmente o Deputado Afonso Hamm pela importância de promover esta discussão, que faz parte do bojo de toda a complexa situação que temos que enfrentar, em função das dívidas dos clubes de futebol. Evidentemente, estas, por si sós, provocam e causam prejuízos para a formação de atletas dos mais variados setores.

Eu proponho que possamos aproveitar este encontro, Presidente, para discutir em dois eixos: no primeiro, a formação de atletas de futebol como um foco específico e, no outro, a formação dos atletas das mais variadas modalidades. Assim, poderemos nos situar melhor. Acho que os três convidados perfazem muito bem essa procura de melhor enquadrar a discussão, por uma questão de método.



Vou começar indagando o Sr. Paulo Roberto Prado acerca da formação de atletas olímpicos de algumas modalidades.

Eu gostaria que o senhor citasse, por exemplo, umas três ou quatro modalidades que considera relevantes no trabalho que o Grêmio Náutico União desenvolve. Gostaria que versasse um pouco mais sobre essas modalidades — digamos, a natação, o vôlei ou o basquete, o que for — e, ao escolher uma, nos trouxesse as informações de como nasce aquele atleta. E, se possível, gostaria que o senhor também informasse o custo desse tipo de política no clube. Dê três exemplos, para nos situarmos.

Estamos falando também em cima da proposta do Deputado Afonso Hamm de se fomentar a formação através da criação de um fundo formador, que teria os 10% da Loteria Instantânea, a se implantar. Até aí, é um passo que se dá. O fundamental e indispensável é saber como operar isso.

Para saber como operar isso, como fazer chegar à ponta, é preciso, em primeiro lugar, diagnosticar o que a ponta faz hoje, porque, mal ou bem, o Brasil tem uma delegação nas Olimpíadas, tem atletas nos mais variados setores, alto rendimento em outros tantos, adquiriu um número “y” de medalhas, e por aí vai. O que fazer — acho que esta é a preocupação do fundo — para avançar em termos de *performances* mais eficazes desta Nação nos certames internacionais?

E vem o exemplo do Clube Associativo Grêmio Náutico União. Acho que daí podemos extrair algumas informações úteis com as quais poderemos exercitar como operar um eventual fundo, uma eventual política de apoio direto para que haja, para que se construam mais atletas olímpicos brasileiros. Essa era a primeira indagação, no viés da formação de atletas nos mais variados âmbitos de modalidades.

Quanto ao futebol, Sr. Caio, eu gostaria que o senhor nos falasse um pouco mais sobre um fenômeno que hoje é extremamente usual, e isto ninguém certamente deixa de saber: há uma presença do empresário junto ao clube, junto às escolinhas, junto, enfim, aos espaços onde há algum tipo de competição de futebol, na busca de identificar potenciais que, de alguma maneira, venham significar algum giro econômico, alguma possibilidade de ganhos, etc., ganho para o atleta e ganho para o empresário. Essa é a verdade.



Quanto ao futebol, à formação do atleta olímpico, na modalidade olímpica ou não olímpica de futebol existe toda uma estrutura no País que funciona. Culturalmente, qualquer campo de várzea, qualquer campo de pelada é um espaço onde milhares de pessoas praticam o futebol — e Darcy Ribeiro dizia isso com muita clareza. Por que o Brasil é bom no futebol? Porque todo mundo joga futebol. Quanto mais se jogar futebol, mais valores vão se destacando. Então, existe isso. Agora, a profissionalização foi cada vez mais descendo às faixas etárias menores, na busca da disciplina, da organização, dado o potencial, isso tudo sob o manto protetor de um interesse econômico do clube, do empresário, etc. e tal.

Por isso, eu gostaria que o senhor falasse um pouco mais acerca dessa trajetória. Existem, no País, milhares de crianças que jogam futebol. Existem, ao mesmo tempo, muitos clubes que procuram, através dos campeonatos de que participam — futebol de salão, futebol-soçaito ou futebol onze contra onze —, já ir promovendo um nível de disputas e de campeonatos que provoque o acesso de alguns dos que se destacam a etapas posteriores, a etapas mais altas na escada do futebol, até chegar ao futebol profissional.

E gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a inserção da presença do empresário nesse processo. Por quê? Há uma realidade da qual também nós não podemos fugir: a descapitalização dos clubes, os endividamentos dos clubes, a ausência de recursos dos clubes fizeram com que as suas respectivas capacidades de investimento diminuíssem. Então, os clubes vão procurar em algum canto algum tipo de apoio para poder, enfim, atrair jogadores ou atrair a formação de jogadores. E aí recorrem ao empresário e se associam.

O que estamos identificando hoje no Brasil é que, por conta do atoleiro, da dificuldade, dos passivos, os clubes recorrem a passes futuros ou a percentual do passe do jogador que ainda está em formação para securitizar, para dar em garantia ou até para quitar alguma dívida que tenha com terceiros.

Essa circunstância é curiosa, mas é provocada essencialmente pela ausência de recursos dos clubes. E isso se tornou um terreno muito fértil para a presença dos empresários. Gostaria que o senhor falasse um pouco mais sobre isso, pela sua experiência.



São dois eixos pelos quais eu gostaria de dar início ao nosso debate: sobre as modalidades, que o Sr. Paulo pudesse nos falar de algumas, assim como dos custos e de como se forma o atleta; e também, do ponto de vista do futebol, que o Sr. Caio também nos falasse.

Muito obrigado.

O SR. DEPUTADO ASDRUBAL BENTES - Pela ordem, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Pela ordem, Deputado.

O SR. DEPUTADO ASDRUBAL BENTES - Da plebe ignata, são poucos os inscritos para o debate. Portanto, solicito a V.Exa. que os convidados se manifestem ao fim dos questionamentos que forem feitos por nós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Perfeitamente, acatada a questão de ordem de V.Exa.

A palavra está com V.Exa.

O SR. DEPUTADO ASDRUBAL BENTES - Agradeço a V.Exa. o acatamento da minha questão de ordem.

Cumprimento, pelo direcionamento na reunião, o meu caro Relator, Deputado Otavio Leite, e o nosso ilustre ex-atleta e ex-goleiro, que fala agora com a voz da experiência. *(Risos.)*

Saúdo os nossos convidados, que aquiesceram ao convite do Deputado Afonso Hamm e aqui estão para nos ajudar a debater tema de fundamental importância, principalmente para a juventude.

Eu tive a oportunidade, ao longo da minha vida, de ser um atleta amador e, posteriormente, de também dirigir um clube de massa, como é o caso do Paysandu, no meu Estado. Lá tive a felicidade de guindá-lo à Primeira Divisão, em 1991. Também tive a oportunidade de dirigir o esporte amador, o basquetebol do meu Estado, como presidente da federação, como diretor do meu clube, inclusive chefiando uma delegação brasileira de basquetebol em Bahia Blanca, na Argentina, em função do grau de desenvolvimento do basquetebol naquela época, no Pará. Infelizmente, depois deixaram-no cair e hoje nem se fala mais em basquetebol no Pará.

Eu creio que é importante este debate, mas tenho alguns questionamentos. Acho que este Brasil é um país continental, e o que lamentavelmente se vê em



todas as confederações é que os dois extremos — não sei o extremo sul, mas o extremo norte com certeza — não recebem o mesmo tratamento dispensado aos clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Com isso, fica extremamente difícil praticar esporte naquela região mais pobre do País. Falo por experiência própria.

Mas quero dizer também que no Brasil há uma inversão. Se você for aos Estados Unidos ou à Europa, verá que quem forma atletas são as escolas. Aqui é o inverso: os clubes é que formam os atletas, que depois vão disputar as olimpíadas pelos colégios, os jogos estudantis e tudo mais. Assim, a despesa é realmente dos clubes.

Eu creio até que o Estado tem que entrar com a função de orientador e normatizador, mas não com recursos públicos para uma atividade profissional. Futebol profissional é uma atividade como qualquer outra que tenha fonte de receita própria. Lamentavelmente — e há aqui um representante do clube que torço no Rio, o Vasco —, mas lamentavelmente mesmo, o que existe é má gestão nos clubes, principalmente nos clubes de massa, que, para ganhar títulos, não avaliam a receita e a despesa e criam despesas exorbitantes. Não seguem o exemplo do Clube Grêmio Náutico União, não seguem o exemplo do Minas Tênis Clube, que eu conheço de perto.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO ASDRUBAL BENTES - Chegou um apaixonado, o Deputado Deley, que tem razão ao defender o Fluminense, clube que ama. *(Risos.)*

Mas eu quero dizer aos senhores que penso diferente. Eu acho que o Estado não tem que entrar com recursos para atividades que sejam profissionalizadas. Essas atividades têm que ser arcadas pelos clubes, que precisam gerar receitas. Por que na Europa clubes como o Barcelona e o Real Madrid têm uma receita fabulosa e se dão ao luxo de vir buscar nossos melhores jogadores? Porque têm uma boa gestão dos recursos. No meu entender, o Estado deve entrar como normatizador e orientador, mas não com recurso público para atividades profissionais. Até que no esporte amador, sim, acho que deve ser, acontece, é necessário, mas, no esporte profissional, custa-me admitir que haja necessidade de o Estado brasileiro ingressar com recurso.



O SR. DEPUTADO RODRIGO MAIA - Deputado Asdrubal Bentes, V.Exa. concorda com investimento na base?

O SR. DEPUTADO ASDRUBAL BENTES - Sim, na base. Eu creio que se possa investir na base, em amadores, mas investir em atletas profissionais e em clubes que usam de recursos para adquirir jogadores, num verdadeiro leilão nacional e até internacional...

Hoje eu sinto vergonha quando vejo a escalação de clubes grandes no Brasil, cheios de estrangeiros. Eu acho que nós temos aqui atletas melhores, mas lamentavelmente virou modismo!

Quero deixar bem clara a minha posição: acho que o Estado brasileiro deve incentivar, deve implementar, deve incrementar, mas não deve despender recurso com atividades profissionais no esporte. É o meu entendimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Com a palavra o Deputado Rodrigo Maia e, em seguida, o Deputado Edinho Bez.

O SR. DEPUTADO RODRIGO MAIA - Eu não ia falar, mas resolvi dar a minha opinião, porque eu discordo da opinião de todos que me antecederam e quero apenas deixar registrado o meu ponto de vista.

Eu acho que o Estado brasileiro não tem que colaborar com formação de atleta de clube algum. O Estado tem que formar o atleta na escola, essa é a função do Estado, e não para ser profissional, mas para ter saúde, principalmente, haja vista os indicadores de obesidade na infância de hoje. Esta é a função do Estado: formar o cidadão para o futuro, e não formar para ser atleta do Grêmio União, do Botafogo, que é meu time, ou de qualquer outro time. Eu discordo completamente dessa tese.

Quando implementaram o Programa Segundo Tempo, fizeram-no de forma horrível. Nem pelas Prefeituras passava. Foi necessária uma forte ação na Justiça para que passasse pelo menos pelas Prefeituras.

Portanto, eu discordo. Eu acho que o caminho aqui na verdade é um projeto de lei envergonhado, que nós assinamos, que eu assinei junto, porque o importante era haver o debate. Eu acho que nós tínhamos que tratar de dar solução para a dívida dos clubes sem usar dinheiro público, mas com parcelamento e com loteria.



E nós deveríamos mudar a legislação de responsabilidade dos dirigentes. Eu acho que os clubes teriam que ser empresa, sim. Eu tenho defendido isso desde o final do Governo do Presidente Fernando Henrique, quando discutíamos, no início do Governo do Presidente Lula, aquela última medida provisória do futebol.

E acho que a missão do Estado não é essa. A missão do Estado é formar a sociedade para o futuro, independentemente da possibilidade de ser atleta ou não. Para o futebol, então, com idade nenhuma! Hoje em dia, um garoto de 10 anos já está com contrato. Os clubes não pegam garotos abaixo de 14 anos porque não podem assinar contrato. Por isso, estão todos soltos no mundo. Mas não é função do Estado. O clube, se for uma empresa, pode muito bem ir atrás do garoto de 10 anos. Com quantos anos o Neymar iniciou os contratos? E olhem o que deu no final: o pai do Neymar roubando do Santos! A coisa é pavorosa! Isso não tem nada a ver com o Estado, não é função do Estado.

Não estou perguntando nada. Eu tenho uma posição clara: eu acho que é função do Estado cuidar das crianças a partir de 5 anos de idade na parte de saúde, com acompanhamento médico dentro das escolas. O resto cabe ao Estado. Concordo com o Deputado Asdrubal Bentes: cabe ao Estado regular a forma como os clubes podem constituir-se.

Eu acho que o esporte amador pode obter algum tipo de incentivo do setor privado, algum patrocínio do setor privado, não do Estado. Acho que esse é o caminho. E acho que, no futebol, em idade nenhuma. O futebol só não tem mais receita porque é muito mal administrado. Vejam o caso do Maracanã: vai entregar o Maracanã para um terceiro, e aí tem que pagar ao consórcio, tem que pagar à Federação e depois vai pagar ao clube, que fica com 30% da receita. É óbvio que essa equação não tem como funcionar. O carioca, ou o brasileiro de modo geral, não tem como pagar isso. Está tudo errado. *“O dirigente não é responsável por nada, é tudo associativo.”* Não é nada associativo, é tudo negócio! Quantas vezes a gente teve informação — a Sra. Marilda, que está aqui presente, participa disto há muitos anos — de que se desmontou um time, e os dirigentes, de alguma forma, beneficiaram-se disso na venda? O Botafogo desmontou o time campeão brasileiro de 1995 e, em 1996, fez um campeonato pífió pela Libertadores, porque precisava de dinheiro. Formou um time campeão que não serviu para nada!



Por isso, acho que a gente tinha que ter um pouco mais de objetividade nesse projeto. Se a gente for abrir muitas frentes, não vai aprovar nada.

E acho que o mínimo que a gente tinha que ter como objetivo seria aprovar o parcelamento da dívida dos clubes, resolver a questão da Timemania, que foi um fracasso, e, a partir daí, criar uma legislação que imponha responsabilidade aos dirigentes. Eu tenho certeza de que, numa estrutura profissional dessas, os clubes vão ter muito mais condição de ajudar o remo — fui remador do Botafogo e sei que não há dinheiro de ninguém —, o basquete ou qualquer outro esporte. Dando estrutura profissional aos clubes, eles terão renda, e cada um vai querer trabalhar os esportes amadores que interessem a cada um.

Acho que a base no atletismo se deve dar em cada escola, isso sim. Há o exemplo da China. Como aquele país está chegando aonde chegou? Está cuidando das crianças desde os 5 anos. A partir daí, passa-se a ter referência para saber quem vai ser atleta e quem não vai ser atleta. Dentro da escola, seleciona-se e puxa o aluno, e faz o centro de referência da forma que se quiser.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Deputado Rodrigo Maia.

Com a palavra o Deputado Edinho Bez.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Sr. Presidente, quero agradecer aos convidados, que atenderam aos nossos convites.

Parabenizo o Deputado Afonso Hamm pela iniciativa do requerimento para esta reunião, que visa ao fortalecimento do esporte das categorias de base em todas as modalidades, para a formação de novos atletas. Eu parabenizo V.Exa. pela iniciativa, porque eu defendo isso há muito tempo. Quando Pelé era Ministro, na era Fernando Henrique Cardoso, eu representei, em algumas reuniões, o PMDB como Vice-Líder de Michel Temer e tomei café algumas vezes na casa dele de manhã, quando fazíamos uma reunião, e uma das conversas, Deputado Afonso, era sobre a categoria de base. Ele dizia o seguinte: *“Pelé, tem muita gente no Brasil, mas ninguém sabe”*. Tem muitas pessoas, crianças talentosas, Deputado Vicente, que ninguém sabe. Então, realmente, nós investimos, pois a base é fundamental.

Quero aqui lembrá-los de que, depois de amanhã, em Florianópolis, esta Comissão estará na Assembleia Legislativa das 14 às 18 horas. Gostaríamos que os



Deputados da Comissão se esforçassem para ir lá. Eu não fui ouvido quanto à data, mas, se tivesse sido ouvido, eu a teria mudado, apesar de ser o coordenador do encontro. Sexta-feira para nós lá é um dia muito difícil, porque as pessoas viajam. O evento deveria ter sido marcado para segunda de manhã ou à tarde. Mas também não adianta chorar o leite derramado, pois o evento já está organizado. Quero dizer, Deputado Vicente, nosso 1º Vice, Presidente neste momento, que é importante os Deputados irem lá, porque estarão presentes muitas pessoas e presidentes de clubes. Eu espero que pelo menos parte da Comissão se faça presente.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Deputado Edinho, até para colaborar, quero dizer que nós convidamos os dirigentes de clube para esse evento e os clubes de Santa Catarina estão aguardando essa audiência. Por isso, eles não estão aqui hoje — é o que nos foi respondido e fecha com a sua informação.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Lá nós estamos fazendo, mas estamos encontrando algumas dificuldades em relação à ida de representantes na sexta-feira à tarde. Mas não se discute mais isso, vamos virar a página.

Quanto ao nosso trabalho aqui, eu quero enaltecer, louvar a iniciativa e a atitude dos Deputados da Comissão, porque nós tínhamos que debater a matéria. Não é possível, Relator Otavio Leite, nós continuarmos assim.

O Presidente do Botafogo, Maurício, quando esteve aqui na nossa Comissão, e antes também na Comissão de Turismo e Desporto, deixou claro, quando falou em nome dos presidentes dos clubes, que, dos mais de 600 clubes de futebol que nós temos no Brasil, 80% estão com dificuldades, para não dizer falidos, e só não entram em falência porque estão sobrevivendo e vivendo pelo nome do time. É igual a uma Prefeitura: está quebrada, mas não quebra porque é pública, entra outro gestor e continua. No futebol é assim: vai fechar um Flamengo, um Botafogo? Mas, na verdade, o Botafogo deve mais de 500 milhões, e o Flamengo, mais de 700 milhões, mas ficam como nós vimos aqui. Não é possível nós continuarmos assim.

Então, nós precisávamos de um debate como este que estamos fazendo aqui. O que nós melhorarmos aqui já valeu. A gestão é muito ruim, e eu diria que é um processo viciado. Por exemplo, um jogador é contratado por 700 mil reais por mês. Se ele está devendo 500 milhões, é inviável. Não existe o princípio de que, para



fazer despesa, tem que ter receita. Eu sou contador por formação, exerci a profissão e sei do que estou falando.

Então, nós tínhamos que fazer esta discussão e trabalhar para que possamos mudar realmente a gestão, meu caro Relator, do futebol brasileiro, em todas as áreas, dos esportes olímpicos, mas o futebol é a nossa paixão e é reconhecido como o melhor do mundo. E, se tem algum time que joga melhor que o do Brasil, a história, o conceito e a cultura dos torcedores do mundo inteiro entendem que o futebol brasileiro é o melhor do mundo.

Eu ouvi o nosso Relator Otavio Leite falar aqui que, se pudéssemos, nós apresentaríamos um projeto — e concluiríamos o nosso trabalho —, uma espécie de Lei de Responsabilidade Fiscal. Gostei muito dessa ideia. Isso, para mim, foi fundamental, porque nós aprovamos aqui, na época de Fernando Henrique, a Lei de Responsabilidade Fiscal, que deu uma certa moralizada. Nunca vai eliminar, mas hoje existem preocupações.

Quero dizer também a seguinte frase — não me lembro quem disse, mas não é criatividade minha: “*Sem categoria de base, sem clubes de futebol, não teremos seleção*”. Gostei muito dessa frase. Se não me engano, foi o Otávio que falou. O futebol é paixão, e, na vida, se a gente não fizer pelo menos parte do que a gente gosta, qual a razão de viver? O povo brasileiro gosta de futebol e merece atenção especial de todos nós.

Era isso. Parabéns!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Deputado.

Com a palavra o Deputado Danrlei. Em seguida, Deputado Deley e, por último, Vasco da Gama.

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ – Sr. Presidente Vicente Candido, Relator Otavio Leite, quero saudar todos os convidados, em nome de Paulo Roberto Prado, Vice-Presidente do Grêmio Náutico União, o Deputado Afonso Hamm, autor do requerimento, e os demais Deputados.

A meu ver, esse assunto é muito simples de debater. E isso eu gostaria de passar principalmente ao Relator. Eu fiquei muito feliz, Deputado Otavio Leite, quando soube que o Relator era V.Exa., porque sei que fará um trabalho muito sério



em favor de todos esses clubes. Eu não falo nem clubes de futebol, mas todos os clubes brasileiros.

Para começar, eu acredito que nós temos que partir de um princípio: separar o futebol do restante dos esportes. Eu vou falar aqui só o que está relacionado ao tema desta audiência pública, ou seja, base, categorias de base, atletas em iniciação. Em relação ao futebol, eu acho que nós podemos tranquilamente cuidar — e quero deixar de fora os grandes clubes brasileiros, porque esses não precisam de ajuda de ninguém. Esses clubes...

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - É isso que eu ia dizer. A gestão com certeza fará com que eles tenham dinheiro sobrando para cuidar de suas bases, porque hoje qualquer menino no Brasil e fora dele sonha em trabalhar no Corinthians, no Grêmio, no Internacional, sejam lá quais forem os 20, 25 grandes clubes do País. Então, eu quero me ater ao restante, falando primeiro sobre o futebol.

Acredito que Raspadinha ou a própria Timemania possa tranquilamente dar apoio ao restante desses clubes do Brasil e aos outros 550 ou 570 clubes com menos condições de trabalhar a sua base. Eu acho que não podemos esquecer, quando falarmos em Timemania ou Raspadinha, que é preciso ter um percentual muito bom para que esses clubes possam, se não têm, começar a ter a sua categoria de base. E que a gente possa colocar nesse projeto — quem quiser receber esses valores — que tem que ser colocado na base e não para montar seus times e jogar campeonato. Essa é a minha visão, o meu pensamento, em relação à base dentro do esporte futebol.

Vamos para o outro lado, pois se trata de uma questão muito mais complexa, muito mais difícil e muito mais complicada. Nós sabemos que o Brasil tem condições, sim, de fazer um bom trabalho quando falamos de esportes olímpicos. Eu apresentei inclusive, há 2 anos, e quero relatar aqui, um projeto de lei, no qual eu queria mudar a questão do Bolsa Atleta, que hoje é destinado aos atletas maiores de 14 anos, ou seja, a partir de 15 anos em diante. Ocorre que é inaceitável num país como o Brasil, enquanto atletas com 15, 16 anos em outros países estão ganhando medalhas de ouro, começar um trabalho de base com os nossos atletas.



Eu tentei colocar nesse projeto de lei que o Bolsa Atleta fosse destinado a atletas a partir de 9 anos, para que, com 15 anos, pudessem ganhar medalhas em algumas categorias. Essa é a idade que se chega muitas vezes a um nível superior. É óbvio que não consegui nem colocar isso, Deputado Vicente Candido, como um projeto de lei em razão da questão do trabalho. No Brasil, os atletas não podem, é proibido. Então, estou tentando ainda ver outra forma para fazer o contrário, que vai vir de encontro exatamente ao que já falaram outros Deputados.

Ressalto que não adianta nós querermos, por exemplo, que o Grêmio Náutico União, no Rio Grande do Sul, e a Sociedade de Ginástica Porto Alegre — SOGIPA façam esse trabalho dos esportes olímpicos. Acho que nós temos de começar, sim, dentro das escolas. Mas eu tenho relatos, só no Rio Grande do Sul, de mais de 30, 40 pessoas — e olha que eu conversei com poucas pessoas, pais, familiares — que não colocam os seus filhos mais em competição, porque chega o momento em que eles têm de escolher: ou eles pagam a escola, o colégio do seu filho, ou eles pagam as viagens para participarem das disputas, quando vão aprender e ter a possibilidade de crescer.

Por isso, a partir de todos esses relatos, eu apresentei esse projeto, que agora está em análise, tratando da possibilidade de alunos ou de meninos, que estejam participando de competições, ganharem uma bolsa de estudo na sua escola para que, já que não podem pagar para o menino fazer esporte, o dinheiro que os pais gastariam para pagar os seus estudos fosse utilizado para pagar as despesas com as competições. E, assim, ganharem a sua bolsa. Que a gente possa ajudar de outra forma, já que a nossa lei hoje não permite a participação de atletas abaixo de 14 anos.

Trata-se de uma questão muito complicada. Eu acho que nós temos de mudar a lei. Não podemos aceitar o fato de que, no Brasil, nós vamos começar a formar atletas com 14 anos ou 15 anos em diante. Isso não existe. Nós vamos formar atleta com 22, 23 anos, quando ele já passou do seu auge muitas vezes em algumas modalidades.

Portanto, é uma questão muito mais complexa. Eu gostaria que nós tratássemos aqui, em algum momento, só a questão dos esportes olímpicos. Em relação ao futebol, nós já temos a saída e condições de fazer um belo trabalho. Mas



o esporte olímpico é diferente. Todavia, é no esporte olímpico que faremos um trabalho muito maior relacionado à questão social. Nesse sentido, é muito importante que nós, dentro desta Comissão, ajudemos a estruturar todos os clubes do País. Nós temos que cuidar disso, Relator. É muito importante, porque é aqui que nós vamos tirar a criança das ruas também. O trabalho que é feito pela maioria desses clubes sociais é muito bom, mas chega o momento em que eles também não conseguem absorver tudo.

É preciso dar apoio para que as escolas tenham condições de promover a iniciação esportiva a esses atletas para que eles possam sair das drogas, deixar as ruas e ganhar bolsas. Não importa se é escola particular ou escola pública, mas que eles possam ter essa iniciação. E depois aqueles que se sobressaírem e tiverem aquele potencial para o esporte podem, aí sim, chegar ao Grêmio Náutico União ou em qualquer outro clube social. Eu acho que, de agora em diante, se estamos tendo esta oportunidade aqui de fazer essa mudança, Presidente Vicente, nós podemos colocar também, quem sabe, a obrigatoriedade para os clubes de futebol de terem pelo menos, sei lá, duas, cinco, dez — e vamos debater aqui — modalidades relacionadas a uma olimpíada.

Então, eu não tenho perguntas, porque eu acho que tudo aquilo que foi colocado aqui todos nós sabemos e é muito importante. Às vezes nós sabemos, mas não conseguimos e não temos pessoas do outro lado para expressar. Mas se nós vamos trabalhar, e é muito importante, Deputado Afonso Hamm, que nós cuidemos, sim, da nossa base, mas é preciso saber como fazer isso.

O futebol é rico e normalmente não precisaria, mas são poucos os que são ricos, como são poucos também os atletas que ganham muito dinheiro. E a gente tem que cuidar disso tudo também, dos outros, do restante, da maioria que não tem condições. E, no esporte Olímpico, é a mesma coisa.

Não adianta colocarmos toda a carga em cima dos clubes sociais. Temos de começar esse trabalho para que eles já cheguem aos clubes sociais com um nível muito superior ao que eles chegam hoje. Que os clubes sociais comecem o bê-á-bá igual ao futebol, ou seja, com 8, 9, 10 anos os meninos já estão nas escolinhas. Mas o clube social não tem condições de fazer tudo isso. Ele precisa começar na escola. Eu tive a oportunidade de começar com 7 anos de idade jogando vôlei, basquete,



praticando atletismo, e foi por essa base que eu tive nos esportes — não apenas no futebol, porque com o futebol eu ocupava 10% do meu tempo, o restante era com outras modalidades, que a minha escola me oferecia de forma tranquila — que eu cheguei aonde cheguei, graças a Deus, graças ao trabalho, mas também graças à minha escola ter me oferecido a oportunidade da prática esportiva de todas as modalidades, não apenas de uma, porque eu, diferentemente do Deley, não tenho habilidade e não teria condições de ser jogador de linha, mas, graças ao vôlei, ao basquete, eu consegui ser goleiro de um grande clube e tenho certeza de que, se não tivesse feito essas modalidades com 7, 8 anos, na escola onde eu estudei, não chegaria a isso. Então, eu sei da importância que tem nós cuidarmos de tudo isso.

Obrigado pela presença de vocês. Tenho certeza de que este debate está sendo muito importante. Parabéns ao autor do requerimento, e ao nosso Relator eu gostaria de deixar essas palavras, para que a gente possa tratar dessas questões e separar o futebol do restante dos esportes que existem neste País.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Deputado Danrlei.

Deputado Deley.

O SR. DEPUTADO DELEY - Boa tarde a todos! Agradeço aos nossos convidados pela presença. Eu acho que a discussão é muito simples. É meritória a preocupação do Deputado Afonso Hamm. Se resolvermos o problema da dívida dos clubes, eles vão poder investir na base. É simples! Se eles não tiverem a prioridade deles, vão investir no profissional. É simples assim. Eu quero discordar de duas coisas aqui do meu amigo Danrlei e de outra coisa que o Deputado Rodrigo falou.

Primeiro, Danrlei, eu não acho que os clubes grandes do Brasil estão com dinheiro. Eles não estão. Eu tenho relatos de profissionais que trabalham na base de grandes clubes — eu não vou citá-los aqui, obviamente —, nos quais o treinador tinha de arrumar dinheiro para comprar água para a garotada. Estou falando de clubes grandes. Pequenos, então, imagine o desespero!

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - Falei em relação aos clubes após eles terem gestões sérias. Não estou falando do momento, porque



a nossa ideia é fazer com que os nossos clubes comecem a ter gestões sérias. A partir daí, tenho certeza de que não terá problema algum.

O SR. DEPUTADO DELEY - Ah, sim, depois que a gente conseguir, porque é um grande desafio para esta Comissão. Parece que é fácil, mas é muito difícil, não é, Deputado Vicente? Estamos tentando atender aos clubes do Brasil, aos esportes olímpicos.

A discordância que tenho com o Deputado Rodrigo, em parte, é quando ele fala da questão das escolas. Só que nós temos um problema histórico, não deste Governo, mas de vários governos: a maioria das nossas escolas não tem espaço para praticar esportes. Quer dizer, não havia essa preocupação.

Então, eu continuo achando... Até porque há modelos em que o esporte olímpico foi desenvolvido dentro dos clubes. Por exemplo, o modelo australiano privilegia os clubes, para que possam atender os esportes olímpicos, assim como é a tradição nos Estados Unidos. Lá, sim, são as escolas, são as universidades. Quer dizer, são questões que a gente precisa analisar. Eu acho o seguinte: resolvido o problema da dívida dos clubes, vai sobrar dinheiro para investir na base. Não resolveu, nós não vamos conseguir chegar a lugar nenhum. Essa é que é a grande questão.

A gente aqui tem sido repetitivo. Preocupa-me muito — já tive várias vezes a oportunidade de falar sobre isso aqui — que esse modelo da Timemania não consiga atender as nossas necessidades. Volto a insistir que o Governo e a Caixa Econômica... Vou ficar nesta ladainha: todas as vezes que tivermos audiência aqui, a Caixa Econômica Federal e o próprio Governo são atores importantíssimos para que possamos chegar a uma solução para esses desafios tão grandes, Deputado Otavio. Eu, realmente, não tenho dúvida de que a sua cabeça deve estar um emaranhado, tamanho o desafio que é resolver o problema de 600 clubes, resolver o problema do esporte olímpico. Quer dizer, não é mole, não, mas evidentemente...

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Eu adoro uma frase, já pronunciada por alguns colegas, que diz o seguinte: *“Para problemas muito complicados, soluções simples”*. Vamos encontrar as soluções simples. Vamos encontrar!



O SR. DEPUTADO DELEY - É, vamos encontrar, vamos... Como dizia Nelson Rodrigues: *“É o óbvio ululante”*. Nós precisamos achá-lo. É o óbvio ululante. Muitas vezes, ele passa na nossa frente e a gente não consegue ver. Mas é isso.

Eu acho que resolver o problema dos clubes, volto a insistir... Eu já tive oportunidade de conversar com o Toninho sobre a questão da fundação, para que esses clubes que têm nome possam criar uma fundação, com outro CNPJ, para poderem ter acesso a emendas e a dinheiro público, sendo fiscalizados pelo Ministério Público. Eu acho que pode ser uma grande saída para o Brasil inteiro. Eu volto a dizer: o Paysandu tem condições de ter sua equipe de voleibol; o Goiás; o time do Amapá, através dessa fundação.

E a questão da gestão também é outra situação óbvia. Ou a gente muda todo esse processo de gestão que está aí ou não vai adiantar nada realmente. Nós estaremos, mais uma vez, arrumando uma lei emergencial.

E quanto à base, principalmente dentro do futebol, Deputado Danrlei — é uma opinião minha, ninguém é obrigado a concordar —, eu fico muito preocupado, principalmente quando vejo a questão técnica das pessoas que estão ensinando na base do futebol que está sendo jogado hoje. Eu parto do princípio, dentro do futebol, é claro, de que o cara tem que ter um preparo. Mas me preocupa muito quando eu vejo pessoas na base que nunca chutaram uma bola. Para mim, são raríssimas as figuras que realmente podem trazer aquele futebol que um dia foi motivo de tanto orgulho para a nossa Nação. Hoje, realmente, o futebol, fora e dentro do campo, no Brasil, tem sido assustador.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Deputado Deley.

Saindo do campo dos formadores de política, vamos voltar para o campo dos formadores de atletas.

Então, vamos ouvir agora o representante do Club de Regatas Vasco da Gama, Sr. Manuel Pereira.

O SR. MANUEL PEREIRA - Boa tarde a todos! Em primeiro lugar, eu estou aqui representando o nosso Presidente Roberto Dinamite, nosso Deputado, que, infelizmente, hoje teve um compromisso na Assembleia e não pôde comparecer.



Eu escutei e acho que também aprendi muito com o que foi dito. Em relação ao que o Caio falou da preocupação dos clubes sobre o que fazer quando os atletas chegam aos 20 anos, o Vasco da Gama tem encarado a base como um problema também social. O Caio já está há muito tempo nisso. Eu posso dizer que 90% dos nossos atletas da base vêm de classe social pobre — e estou sendo muito benevolente com 90%. A grande maioria, quase que total maioria, vem das comunidades carentes. O clube precisa ajudar esses atletas, mas não é quando eles se profissionalizam, é quando eles têm 8, 10, 12 anos. Isso já existe hoje: é um contrato de formação, uma bolsa de formação para que esses pais possam levá-los para treinar, porque eles não podem morar lá.

E quando se fala de 14 anos, é para poder federar um atleta. Isto ainda não dá nenhuma garantia ao clube. A garantia ao clube é aos 16 anos, quando se faz o primeiro contrato profissional. Aí, a meu ver, já existe um divisor de águas, porque o clube não pode profissionalizar todos. E os que dali saem? O Vasco da Gama — falo pelo Vasco, não falo pelos outros clubes — possui dentro das suas dependências uma escola, com ensino fundamental e médio, para atender a todos os atletas, não só do futebol, mas também de todos os esportes. Nós temos hoje nessa escola 180 alunos de ensino fundamental e médio. Esses atletas chegam ao clube às 7h da manhã, tomam café, estudam, almoçam, vão para o nosso CT nos nossos ônibus, voltam, jantam e são entregues aos pais. Realmente, eles não podem ficar lá. Nós temos hoje 45 atletas alojados que são de fora do Rio de Janeiro, com uma capacidade para 80. Temos um CT que dista 70 quilômetros da sede do Vasco. E foi a maneira que nós vimos de colaborar e de ajudar os pais desses atletas.

E aí entra a figura que foi falada aqui: o empresário. O empresário entra com essa ajuda aos pais. Eu falo pelo Vasco: o Vasco não dá nenhuma participação ao empresário, o Vasco dá ao pai, porque acha que, nesse período todo, o pai investiu. Então, quando se fecha um contrato, o Vasco dá, no mínimo, 20% dos direitos para o pai. Só que o pai, ao chegar a esse ponto, já está mais do que comprometido com os empresários. E aí nós não temos nenhum direito sobre o que ele faz com isso.

Então, formar um atleta hoje na base, para o Vasco... E está comprovado que nós estamos na iminência de conseguir o nosso certificado de clube formador. Só



vamos ter alguma garantia depois dos 14 anos, porque hoje nós não temos. Nós pegamos um atleta de 6 anos no futsal, levamos para o campo aos 11 anos, e quando este atleta está para assinar o contrato, aos 16 anos, ele sai do clube. O Caio sabe perfeitamente o que aconteceu conosco no Sul-Americano: depois de um investimento de 8 anos feito no clube em um atleta da Seleção Brasileira, ele simplesmente nos abandonou, e a Justiça não nos dá nenhuma garantia.

Os clubes, e não estou aqui defendendo os clubes, estou falando o que acontece no Vasco, porque eu só entendo de Vasco... Mas a gente acaba fazendo com que o Vasco seja como um espelho do que são os outros clubes.

Quando se fala de treinadores, hoje no Vasco 90% dos treinadores são ex-atletas. Obviamente que para trabalhar na base — podem até me corrigir se eu estiver errado — são jogadores que não tiveram grande sucesso financeiro. Muitos deles tiveram sucesso. Nós temos hoje um treinador de juniores, o Sorato, que fez o nosso gol do título em 1989; temos um diretor-executivo, que, claro, é o Mauro Galvão. Então, o Vasco procura dar oportunidade a esses jogadores que, no final de carreira, precisam fazer alguma coisa. Agora, essa qualificação deveria vir...

Eu participo não só do futebol no Vasco, mas também do conselho do clube — então, eu dou o meu voto para aprovar ou não as contas —, e a gente vê o clube endividado, muitas vezes, sem poder remunerar como gostaria.

O Vasco está endividado? Está. O motivo de o meu Presidente ter me mandado aqui representar o Vasco é que ele vê hoje nesse PROFORTE um caminho para o Vasco e também para os demais clubes sanarem esses problemas de dívidas. O Vasco tem dívidas, isso é público e todo mundo pode saber: a dívida do Vasco está em torno de 400 milhões. Foi dito aqui que Barcelona e Real Madrid devem os mesmos 400 milhões, só que são euros.

Nós participamos dos campeonatos com o Vasco em todas essas categorias. Hoje, temos programadas quatro viagens internacionais. Já estivemos no Qatar vendo como é feita essa formação; participamos de diversos torneios. Mas, como também foi citado aqui, no Vasco pais de atletas não pagam viagem. Nós temos, sim, esses recursos... Aí a gente tem que dar um jeito: tem ICMS, tem algumas coisas que a gente arrecada para viajar.



É verdade que os clubes têm as suas deficiências. Eu sou totalmente a favor de serem empresas, mas também temos que criar algumas maneiras de dar condições aos atletas... Hoje, quatro atletas nossos do sub-17 — o Caio sabe — foram convocados. Todos esses atletas que foram convocados vieram do futsal do Vasco. Nós temos um atleta que está na seleção sub-20 que tem 17 anos! Ele já foi vendido para um grupo de empresários e vai para o Porto. Eu não consegui 1 centavo para investir na base.

Então, eu só queria deixar claro que o Vasco vê nesse PROFORTE a oportunidade — é claro que isso ainda vai ser mais discutido, vai ser desenvolvido — de ser um alento para os clubes, para que a gente possa...

Um atleta de base, só para que se tenha uma ideia, custa 3 mil reais ao Vasco, por mês. O Vasco tem um CT, dois ônibus, uma escola com 32 professores. Isso tudo tem um custo.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Fale um pouco mais sobre o custo.

O SR. MANUEL PEREIRA - Nós temos 250 atletas, mas temos só futebol...

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Três mil por atleta?

O SR. MANUEL PEREIRA - Aí temos que englobar tudo: médico, alimentação, tudo.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Estão falando do atleta de rendimento, atleta de competição.

O SR. MANUEL PEREIRA - Quando eles chegam para nós, ainda não são atletas de rendimento. Eles estão sendo formados. Essa formação só vai realmente se mostrar lá pelos 15, 16 anos. Tanto que o Vasco, o Caio já disse, negou mandar jogador para a seleção sub-15 porque não tem contrato. Se nós mandamos, perdemos o atleta. Aí não perdemos o jogador, perdemos um investimento. É verdade! Investimos para ter retorno. Mas não é o Vasco. Qualquer clube faz isso.

Temos oito jogadores no profissional que subiram este ano. Se isso fosse todo ano, pode ter certeza de que o Vasco estaria feito, não precisaria mais de nada. Mas isso é uma exceção, até pelo nosso problema financeiro de não podermos contratar jogadores de ponta, levar jogadores da base.

Então, nós temos esse investimento, que é um investimento comprovado, porque hoje, para obter o certificado de formação, temos de comprovar toda essa



despesa. O Presidente da Federação do Rio, o Rubens, está assinando a nota, vai para a CBF, para que consigamos ter um pouco mais de tranquilidade. Esse também é um ponto em que poderia ser vista alguma garantia para o clube, e para que os clubes pudessem ajudar os pais a não ficarem nas mãos de empresários, porque eu sei que falam que eles estão nas mãos dos empresários, mas os clubes não participam disso.

Muito obrigado pela oportunidade, em nome do Vasco.

Se houver alguma pergunta, estou à disposição para responder.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Manuel.

Quero, antes de devolver a palavra aos debatedores, falar rapidamente das minhas impressões e, ao final, deixar umas duas perguntas aqui para os três debatedores.

Vou iniciar recordando uma audiência pública que realizamos na Comissão de Constituição e Justiça, logo no começo desta legislatura, sobre as competências dos Poderes. Havia uma apreensão grande de membros da CCJ em relação à usurpação de poderes das cortes aqui no Brasil. Numa leitura mais direta, de que o Supremo está legislando, está usurpando competência do Congresso.

Estava na mesa um dos debatedores, o Desembargador de São Paulo, Nelson Calandra, Presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros, que, indagado sobre isso, nos respondeu: *“Olha, nós executamos e aplicamos o que os senhores escrevem, o que os senhores aprovam. Está na Constituição, está nas leis esparsas, e o que os senhores determinam nós fazemos”*. Esta foi a resposta para um Deputado que, incisivamente, insistia nessa tese com ele.

Quero trazer isso para o nosso campo, plagiando já o linguajar do futebol, dizendo o seguinte: esta Comissão nos permite sair do muro das lamentações e também sair da desculpa de querer jogar a culpa de um para o outro. É problema dos sucessivos Governos? É problema do Poder Executivo aqui representado pelo Toninho? É problema dos dirigentes? É problema do Congresso Nacional? Não é o caso aqui de ficar achando culpado, mas, neste momento, a bola está no nosso campo, aliás, ela sempre esteve, é que nós nunca demos muita atenção para essa bola, por vários motivos: divergência, não conseguir achar o procedimento correto, não conseguir fazer o arranjo político adequado.



Então, são inúmeros os problemas, mas o Congresso Nacional, o Poder Legislativo, como o Poder de todos os poderes, abriu mão dessa competência de trazer para este debate essas angústias, essas lamentações e de tornar isso políticas públicas. Não podemos, neste momento, no ano de Copa do Mundo, a 2 anos das Olimpíadas, no momento em que o Brasil ocupa uma posição importante na economia internacional, sétima economia, em 10 anos poderemos ser a quarta ou a quinta, ter o esporte desorganizado e desarranjado como está.

Eu quero discutir aqui o seguinte: nós vamos até o limite das nossas competências, respeitando a autonomia dos Poderes, mas trazendo como guia para nós a corresponsabilidade dos Poderes, a harmonia dos Poderes. Estamos trabalhando uma matéria de competência concorrente. Podemos legislar sobre isso. Nós estamos trabalhando com a anuência, a ajuda e cooperação do Poder Executivo, que tem aqui como representante o Toninho. Já tivemos várias conversas com o Ministro e representantes de outras áreas do Governo. Estamos aqui num arranjo político, e isso não é obra desse ou daquele partido. Ou nós construímos, a partir daqui, política de estado, que vai ficar para os nossos herdeiros, que será algum legado, ou então vamos abrir mão dessa competência e dessa oportunidade histórica em nossas mãos.

Eu trabalho com a expectativa, Deputado Afonso Hamm, de que daqui a 2 meses, final de março ou abril, a Presidenta Dilma Rousseff esteja sancionando, talvez, uma das leis mais bem feitas, com detalhes, com capricho, com carinho e com determinação, pelo Congresso Nacional, que ainda, tenho certeza, não será a panaceia para o esporte brasileiro, mas será um grande avanço para a solução desses problemas.

Concordo com o que falou o Deputado Rodrigo Maia. Não é estranho, de vez em quando, o PT ter posição semelhante à do DEM, ou vice-versa, o Governo e a Oposição. O Deputado Rodrigo Maia sempre tem posições muito sensatas em várias matérias, inclusive nesta, quando diz que a grande solução para o problema — o depoimento do Deputado Danrlei confirma isso — é o esporte educacional. Nós não podemos ter esse arranjo de pedaços daqui, pedaços dali, que é o que acontece nas escolas brasileiras. Eu acho que o Segundo Tempo — depois o Toninho pode fazer



um panorama pra gente — é uma emenda. A escola tem que ser um centro esportivo educacional e cultural por natureza.

Hoje o professorado brasileiro não quer gastar dinheiro, como manda a LDB, com o esporte e com a cultura, porque tira dinheiro do seu salário, que já é baixo. Tem que ter uma política de estado que não separe essas questões. Como no depoimento do Deputado Danrlei... Espero que a sua formação tenha sido numa escola pública. Foi ou não? Vou torcer para que tenha sido.

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Não foi, infelizmente.

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - Hoje essa escola é pública.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Não era pública, mas hoje ela continua formando Danrleis? Não! Vejam que a gente regrediu.

O SR. DEPUTADO DANRLEI DE DEUS HINTERHOLZ - Inclusive, Presidente, tenho relatos no Rio Grande do Sul de escolas que tiraram do seu currículo a educação física!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - É lamentável! Mas fica como a nossa torcida e também fica como ação nossa que devemos fazer enquanto legisladores. Essa é a minha expectativa. O pior do mundo pra nós é todo esse esforço não dar em nada. Então, vamos ter que tomar muito cuidado com isso. Passar uma Copa do Mundo, lá no Rio de Janeiro, com Vasco falido, Botafogo falido, Flamengo falido, será muito vergonhoso para o Brasil.

Isso não vai resolver o problema em definitivo, mas a gente consegue construir um plano estratégico. Poderemos chegar daqui a 10 anos dessa forma, com essas medidas que estamos tomando aqui hoje. Eu acho que isso já é bastante razoável.

Com esses novos recursos, e transformando a dívida em formação de atletas como pagamento, poderemos ter uma injeção de recursos, ainda que pouco, mas que nunca teve na história do Brasil.

Faço a primeira pergunta para a Mesa, principalmente para o Toninho: você tem ideia de quanto a gente investe hoje na formação de atleta, somado o investimento privado dos clubes — acho que a CBF, talvez, tenha esse apanhado —



e a Lei de Incentivo ou verba direta do Ministério, até pra gente ter uma noção? Se hoje se investe esse tanto, mais um montante, a gente chegará a que patamar? Ou precisamos buscar mais recursos de alguma forma? E de que forma vamos buscar?

E também pergunto se os dirigentes públicos e privados do Brasil têm conhecimento de um documento da ONU, de 2000, em que recomenda, como desenvolvimento do milênio, investir no esporte. A cada dólar que se investe no esporte, economizam-se 2 dólares na saúde. Quem tiver dúvida quanto a isso que vá a Cuba. Cuba tem uma das saúdes mais baratas do mundo porque investe muito no esporte. Eu fui, junto com o Sócrates, a Paula e a Mireya, que era jogadora de vôlei em Cuba, e o Lula, que na ocasião ainda não era Presidente, ao Instituto de Desporto de Cuba, que não passava de um simples centro esportivo como os que a gente tem aqui no Brasil. Não tem nada chique, mas tem determinação, disciplina e equipamentos básicos para formar os atletas que fizeram Cuba ganhar muitas e muitas medalhas, e muitas vezes à frente do Brasil, com um país de 10 milhões de habitantes.

Então, eu acho que é isso o que a gente precisa fazer, sem coisas sofisticadas, mas, a partir do que a gente pode, com coisas simples, de forma objetiva e bem administrada.

São essas as perguntas. Se puderem nos responder, desse montante, o quanto esse projeto pode trazer de novos recursos para nós e em que patamar nós vamos chegar com um projeto dessa natureza daqui a 5, 10 anos.

Concedo a palavra ao Sr. Caio Cesar Zanardi Gomes da Silva, Técnico da Seleção Brasileira de Futebol Sub-17 e Assistente Técnico do Coordenador das Categorias de Base, representando a CBF.

O SR. CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Primeiro, gostaria de dizer ao Deputado Danrlei que é um prazer revê-lo depois de 21 anos. Jogamos a Copa São Paulo de 1993 contra o Corinthians e o Grêmio.

Quanto ao que o Toninho Nascimento disse sobre a Alemanha, conheço o projeto e o insucesso que tiveram. Eles planejaram, e hoje a Alemanha é uma potência. Foi fantástico o que o Toninho abordou.

Em relação ao que disse o Deputado Otavio Leite sobre captação e interferência do empresário, hoje os grandes clubes têm seu departamento de



captação, têm observadores no Brasil todo, fazem seleções, têm observadores dentro das competições. E aí vai bater naquela situação que o Danrlei disse do menino de 14 anos que não pode ficar alojado. Ele será monitorado dentro da sua cidade até completar 14 anos, quando os clubes levarão os meninos para dentro do clube para começar o processo de formação, um processo tardio dentro do que nós buscamos para ser excelência. O menino continua trabalhando até os 14 anos na sua cidade; chega ao clube com 14 anos; se o clube for um clube formador, assina um contrato de formação e, aos 16, ele pode assinar um contrato profissional. Na assinatura do contrato profissional, o Vasco da Gama diz dar 20% para o pai e não ter participação.

Na realidade, outros clubes começam a fatiar o menino, dando porcentagem para um empresário, outra porcentagem para outro empresário. Nas futuras vendas, temos exemplos em que praticamente não sobra nada para o clube. Aí já começa o problema financeiro: o clube investe anos de trabalho e, no final, quando o menino é vendido, não se tem nem 10% para o clube. Isto está errado! O clube está trabalhando para os empresários! E vários clubes, na má administração, no meio do caminho, com problemas financeiros, começam a vender porcentagem de atleta. Se têm um grande jogador, oferecem-no por 4, 5 milhões, e 5%, 10% vão para os empresários. Os empresários fazem o investimento e, no final dos anos em que o menino foi formado, não sobra nada. Isto também está errado.

Infelizmente, os empresários estão no meio, estão tendo uma fatia muito grande, e o clube, por má administração, às vezes, está sendo conivente com algumas situações. O clube precisa se organizar, precisa melhorar, principalmente quanto à gestão, senão vai se endividar, como há grandes exemplos por aí.

Em relação ao que o Deputado Rodrigo Maia...

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Perdão. É uma prática já completamente dominante.

O SR. CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Dominante. É isso.

(Não identificado) - Pela situação hoje também sabemos que os próprios treinadores, muitos treinadores das bases dos clubes recebem dos empresários para entregar os melhores atletas, para esse empresário ir direto a esses atletas e já fatiar dessa forma. Então, é muito mais grave. E a culpa também é muitas vezes dos



clubes. A culpa não é dos empresários. Os empresários estão fazendo a parte deles. Se o clube deixa e aceita, quer dizer, é conivente e está junto. Por exemplo, você pega uma pessoa, Deputado, e coloca ali para ser aquele que vai cuidar de seus atletas, transformá-los em grandes atletas para que o clube possa ter a possibilidade de ganhar no futuro alguma coisa, ele vai lá e ele mesmo entrega para os empresários quem é quem, é complicado. Então, os clubes são muito culpados por essa situação.

O SR. CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Sim. O que o Deputado Rodrigo Maia falou da escola, concordo que é preciso haver esse investimento dentro do esporte na escola. Só que nós sabemos que dentro da escola há muitos problemas. Hoje os professores quase não conseguem dar aula. Imaginem tentar introduzir o esporte, que seria o correto. Na hora em que eles chegassem aos grandes centros de formação, já teriam uma base de 4 ou 5 anos. Mas hoje é praticamente impossível pensar em investimento, a curto prazo, no esporte dentro da escola. Mas seria uma coisa muito interessante.

Em relação ao que o Deputado Edinho comentou sobre receita e despesa, que muitas vezes os clubes estão endividados e têm um gasto maior, muitas vezes os clubes pensam só na primeira equipe, na equipe profissional, porque precisam de resultados imediatos. Eles fazem loucuras de investimentos e se endividam. Agora, poderia ter uma punição para isso. Você não pode estourar o clube e não acontecer nada, como é hoje.

O que o Danrlei falou sobre a separação do futebol do esporte é uma situação muito importante. Hoje, como eu falo, o investimento nas categorias de base precisa ser feito. O clube precisa olhar com bons olhos as categorias de base. E vejo também que a conta das categorias de base tem que ser separada do clube, porque você tem uma verba para gastar por ano, o clube começa a passar por uma má administração, uma má fase, pega essa verba das categorias de base, investe em outro segmento e perde todo o segmento que era para ser investido na base. Então, essa verba tem que ser destinada e teria que se prestar contas desse dinheiro investido na base. Eu acho que isso é muito importante.

O que o Deputado Deley falou, que algumas pessoas nunca viram uma bola, é verdade. Só que algumas pessoas que foram ex-atletas precisam se preparar para



fazer uma gestão correta. Então, precisam se preparar para poder exercer o cargo, e a experiência dentro de campo conta muito. Mas é importante essa pessoa se capacitar para poder exercer a função.

O que o Manuel Pereira, do Vasco, falou é verdade. É uma covardia um clube investir quase 8 anos num atleta e depois perdê-lo por aliciamento de empresário. O Vasco faz um trabalho de base e tem vários jogadores convocados nas categorias de base. O Vasco tem um jogador de 17 anos jogando no profissional já vendido para o Porto, mas, como ele próprio disse, não conseguiu capitalizar nenhum dinheiro dessa venda para a base. Acredito também que, de toda a venda desses atletas que vieram da base, uma porcentagem deveria ser revertida à categoria de base.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Perdoe-me. Só para me situar, Deputado Vicente Candido, pela lei atual — corrija-me quem tiver mais informação —, se o passe do jogador é de propriedade do clube e é vendido para o exterior, 5% da transação volta para o clube, isso em sucessivas transações que esse jogador venha a percorrer no futuro. Cinco por cento sempre será para o clube. Mas, dentro do Brasil, isso não ocorre. Isso é só para a venda para o exterior?

(Não identificado) Se for clube formador.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Se ele for proveniente do...

(Não identificado) - Só existem sete no Brasil.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Só sete que usufruem dessa regra?

(Não identificado)- Que são clubes formadores.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Que têm o carimbo, que têm essa chancela? Essa chancela de clube formador, quem é que dá?

(Não identificado) - Eu não sei.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM – Eu gostaria de fazer, se me permite, um comentário. Eu fui atrás agora, nos últimos dias, em função do debate, da resolução da CBF — inclusive eu a trouxe aqui — que estabeleceu os critérios para fazer a certificação do clube formador. E ela delegou para as federações. Só que tem pouca informação. Como é que está acontecendo em cada Estado?

Então, o próprio debate está nos fazendo estudar e buscar essa informação. Agora, eu acho que nós devemos fazer outro debate, num outro momento, com as



federações sobre como está acontecendo para que nós tenhamos a segurança do reconhecimento de clube verdadeiramente formador, até porque nós colocamos recursos na ocasião da reformulação da Lei Pelé. Ou seja, 0,5% de todos os prêmios das loterias têm um destino para os clubes formadores— clubes formadores de atividades olímpicas e também os formadores de futebol.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Mas isso já tem um destino, que é a CBC. A CBC tem sempre...

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Sim. Está lá depositado e está parado. Inclusive...

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Está parado, prossegue parado. Enfim, a gente sabe das dificuldades.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Parece que está destravando, porque tem... Talvez o Ministério possa responder, porque também nós debatemos para fazer andar.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Queria elucidar esse procedimento de transação comercial do atleta e do percentual que fica para a instituição clube formadora.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Eu gostaria de dar mais um pitaquinho aqui e já passar para o Deputado Vicente Candido, que está conduzindo.

Quando nós colocamos isso lá, está previsto na legislação assim: da formação dos 14 até os 20 anos, completando 21, se fizer toda a formação, tem um período ali que é 0,5% e, nos 2 últimos anos, é 1% a cada ano. Aí fecham, fez-se toda a formação, os 5%. E, do que eu lembro, é da primeira transação internacional e na primeira transação interna.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Tão somente na primeira transação?

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Do que eu tenho conhecimento, é assim.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - E tem que perfazer os 5 anos dos 16 aos 20 anos?

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Para ganhar os 5%, se não é proporcional. Você trabalhou 14, 15 e 16, é 0,5% a cada ano. Daí, você vai totalizar



nos últimos 2 anos 1%. Fecham os 5% dos 14 aos 20. Passou-se toda a formação. É proporcional ao tempo. Assim está na lei.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Certo.

O SR. CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Só para finalizar, esse valor — de repente esses 5% — deveria ser revertido às categorias de base, se não foge do princípio que foi o investimento. Então, os clubes pegam esse dinheiro e o destinam a pagar dívida ou fazer alguma outra situação ou outro tipo de investimento e não investem nas categorias de base que deram esse retorno ao clube.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Considerações finais?

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - A pergunta é a seguinte: isso serve para todos os clubes ou só para aqueles que estão com a chancela e o título de...

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Serve para todos.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE – Serve para todos. Não precisa ser clube formador para poder ter acesso a essa prerrogativa.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - O clube formador tem alguns direitos a mais.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE Basta apenas configurar os 6 anos.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - A partir da consolidação desse reconhecimento, você vai ter direito inclusive ao compartilhamento dessa receita que nós aprovamos. Aí entra dinheiro novo também para ajudar a formação.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Então, as federações não têm a menor importância nesse momento.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Não, elas têm que certificar e, na minha opinião, dar ciência e publicidade para habilitar, andar. Acho que tem que mexer com esse processo aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Vamos deixar o Caio concluir?

O SR. CAIO CESAR ZANARDI GOMES DA SILVA - Bom, para concluir, eu gostaria, em nome da CBF, de dizer que a CBF não forma atleta. Ela ajuda no processo de formação. Nós recebemos os atletas já formados. Quem forma são os



clubes e esses investimentos têm que partir para os clubes nas categorias de base. Como eu falei, é o futuro dos atletas do Brasil.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - O.k.

Vamos passar a palavra ao Paulo Roberto Prado, Vice-Presidente do Clube Grêmio Náutico União.

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Eu vou tecer rapidamente pequenas impressões de tudo o que foi falado aqui.

Uma coisa está ficando evidente: a diferenciação que tem que ter o tratamento com clubes de futebol e os clubes eminentemente esportivos ou digamos esportes olímpicos ou esportes de alto rendimento, porque eles estão num universo completamente diferente.

Ainda há pouco, o nosso Relator me questionou a respeito de contratos, como são feitos com os atletas que estão em formação. Isso não existe, nem nos clubes formadores de atletas olímpicos. Eu vou relatar qual é o procedimento no nosso clube.

Nós temos dentro do clube escolinhas e, em cada departamento esportivo, nós temos nove esportes olímpicos. No clube, por uma questão de gestão, damos prioridades a seis modalidades olímpicas, por uma questão de custo, de sustentabilidade do clube. E, dentro desses departamentos, eles têm as suas escolinhas. Então, nós temos professores que formam crianças, visando atletas olímpicos.

Todo processo de formação é feito dentro do próprio clube. Alguns departamentos, por iniciativa própria dos técnicos e professores, vão a algumas escolas para captar crianças, fazem convênio com as escolas para captar crianças. É um esforço bastante grande e isso demanda um determinado custo. Hoje, nós temos, dentro das escolinhas do Grêmio Náutico União, um universo de 4.500 a 5.000 crianças/mês. Nós temos que ter professores qualificados e técnicos qualificados para fazerem esse tipo de trabalho.

Fala-se que as escolas deveriam fazer o trabalho de esportes. Mas sabemos que culturalmente no Brasil o esporte não é feito dentro das escolas. Acredito que,



se hoje tivermos que tratar de um trabalho como esse, seria muito difícil. Trata-se de um trabalho de muito longo prazo e uma mudança de cultura bastante grande.

Culturalmente, os esportes, dentro dos clubes esportivos, são os clubes de futebol e os clubes associativos. Então, eu acredito que o trabalho que deve ser feito é para melhorar essa nossa estrutura — e acho que conseguiríamos resultados mais imediatos —, justamente visando à formação de atletas, tanto no futebol quanto no esporte.

Eu quero salientar que estou me sentindo um peixe fora d'água, porque se fala muito em má gestão e dívidas. Não é o caso do Grêmio Náutico União. O Grêmio Náutico União hoje tem uma saúde financeira invejável, implantou-se o modelo de gestão invejável, moderno.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Pode dizer qual é a receita e quantos atletas formam?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Nós temos hoje em atividade em torno de 600 atletas de ponta. Em relação à receita do clube, destinamos cerca de 20% da arrecadação do clube para o esporte. Essa é a nossa arrecadação.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Quantas modalidades?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO – Competitivas e de alto rendimento, são seis esportes olímpicos. O vôlei e o basquete não são esportes prioritários, porque demandaria um custo muito alto para manter um time desses numa liga ou num campeonato nacional.

Hoje, em relação ao orçamento anual, o clube destina para a área esportiva em torno de 2 milhões de reais para o custeio de atletas de competição, fora a parte de formação. Na parte de formação, as escolinhas têm alguma arrecadação, porque os pais pagam a mensalidade para as crianças entrarem nas escolinhas. E, no instante em que a criança vai se despontando, ela é alçada para as equipes competitivas e passa a ser sócia atleta do clube e não paga nada.

Ressalto que, para manter um atleta desses em competição e levando-o a patamares cada vez mais altos, nós temos que mantê-lo no clube com estudos — nós temos convênio com escolas — para que ele possa continuar tendo a sua formação escolar e ajuda de custo em função do nível que esse atleta vai atingindo. Tudo isso com recursos do clube, com recursos da contribuição associativa.



Temos dificuldade muito grande para captar patrocínios. No Rio Grande do Sul isso é muito difícil. O empresariado não tem essa cultura de investir no esporte. Então, nós temos hoje que financiar. Todos os nossos recursos são próprios.

Para se ter uma ideia, o Grêmio Náutico União inaugurou, no ano passado, um parque aquático invejável — o *open* de natação foi feito lá, que é uma das grandes competições da natação —, com um investimento de 20 milhões de reais, um parque de piscinas, tudo com recursos próprios. Isso sacrifica muito o clube, porque esses recursos, com que nós temos que montar toda a infraestrutura para manter esses atletas, podem ser também utilizados na formação de atletas.

As dificuldades que nós temos hoje ou que nós estamos trazendo a esta Comissão são justamente a carga tributária, principalmente a carga previdenciária sobre um clube formador que é tratado como uma empresa. Na realidade, um clube como o Grêmio Náutico União não visa ao lucro, é uma entidade sem fins lucrativos. Por isso, entendemos que deva ter um tratamento diferenciado.

Já no caso do futebol, falou-se aqui que se trata de profissionais. Então, é uma questão de gestão. A dificuldade que os clubes associativos enfrentam é justamente esta: o investimento no esporte e na formação de atletas. Acredito que, com o PROFORTE, a gente consiga melhorar essa situação.

Entendemos que o esporte é um formador de indivíduos. Como foi dito — este índice nós já conhecíamos —, se você investir 1 dólar no esporte, deixa de investir na saúde ou de gastar na saúde 2,5 dólares, mais que o dobro. E você está tirando essa criança da droga. Eu já citei antes o exemplo da Daiane. A Daiane era uma menina de classe inferior, de classe baixa, que foi alçada ao Grêmio Náutico União justamente nesse trabalho de captação que o clube faz nas escolas. Uma professora viu o talento dela, levou-a ao Grêmio Náutico União, que a levou ao ponto a que chegou. Isso demonstra a importância de um clube associativo como o Grêmio Náutico União e outros que estão nesse nível.

Basicamente, era isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Sr. Paulo Roberto, eu não gosto muito de abusar desta minha condição de Presidente para ficar usando a palavra a toda hora, mas, como temos certa folga de tempo — vocês foram econômicos no tempo de exposição —, eu queria aproveitar um pouco mais a sua



presença, porque acho que o seu caso pode ser o chamado *case*. Pode ser um caso de estudo para nós, porque é um clube formador e não tem o futebol como modalidade, não é isso? A tese do Deputado Danrlei é separar o futebol. Nesse caso, já está separado.

Fale um pouquinho mais: é um clube, qual a idade dele, quantos sócios tem, de onde vem a receita. Você falou que são 2 milhões para esporte de rendimento.

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - E para a formação quanto é? O clube tem 600 pessoas em atividade permanente, não é isso?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Sim. Na realidade, a estrutura do Grêmio Náutico União hoje conta com um quadro associativo de 60 mil sócios. É bastante grande.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Todos contribuem mensalmente? Essa é a grande receita do clube?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - É a grande receita do clube.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Quanto é essa receita dos sócios?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - De contribuição? Eu não saberia dizer agora.

Você se lembra exatamente, de cabeça, Paulo? (*Pausa.*)

A arrecadação do clube chega a algo em torno de 20 milhões por ano, aproximadamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Estamos falando de aproximadamente 1,5 milhão ou um pouco mais de 1 milhão por mês.

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Sim, aproximadamente esse valor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Essa é a principal receita?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - É a principal receita. Nós temos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - São usuários de alguma lei de incentivo?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Não. Nós tentamos lei de incentivo, mas nada conseguimos captar junto ao empresariado. Nós chegamos a aprovar, no



Ministério do Esporte, um projeto de 4 milhões e conseguimos arrecadar 280 mil reais. Refizemos o projeto para 280 mil, e estão em andamento, no Ministério do Esporte, dois convênios para a compra de equipamentos — na realidade, a compra de equipamento não desonera o clube. São equipamentos que a gente comprou agora para os vários departamentos. Estão em andamento esses convênios. Na totalidade, os dois projetos somam 7 milhões — compra de barcos, equipamentos para ginástica e natação —, justamente para o esporte de alto rendimento. Estão em andamento, ainda, esses projetos.

O nosso maior custo é justamente o custeio da profissionalização dos nossos técnicos, as ajudas de custo para atletas, as competições de que eles têm que participar — o atleta tem que participar de competição, senão não evolui — as viagens, o departamento médico. Nós temos um departamento médico, com fisioterapeuta. Todo esse custo está dentro desses 2 milhões de reais.

Nós temos uma estrutura de funcionários bem enxuta dentro do Grêmio Náutico União. Temos três sedes e, para essas três sedes, nós temos 450 funcionários.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - São três sedes?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Sim, três sedes. Temos uma sede numa ilha, temos uma sede social e a sede que é o centro esportivo do clube. Todos os funcionários, desde o faxineiro que varre a sede, até os técnicos, professores e funcionários administrativos, toda essa estrutura é custeada somente com a contribuição associativa. E há a locação de espaços, dos salões de festas, que geram alguma arrecadação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Faço uma última pergunta: qual foi a maior delegação que os senhores enviaram para as Olimpíadas?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Para a última Olimpíada foi a Adrian Gomes... Foram três atletas, nós colocamos três atletas na Olimpíada.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Na Paraolimpíada também?

O SR. PAULO ROBERTO PRADO - Sim, tivemos na Paraolimpíada um atleta da esgrima, o Jovane Grissone. Nós temos um convênio com uma sociedade de



policiais cadeirantes, que foram feridos em combate. A União faz um trabalho juntamente com eles. E sagrou-se campeão olímpico o Jovane.

Estamos partindo para esportes paraolímpicos. Há uma menina no judô que é cega e está despontando, certamente, para a Paraolimpíada. Nós temos, hoje, em torno de seiscentos atletas no nível *top* de competição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Muito obrigado, Sr. Paulo Roberto.

Passo a palavra agora para o Poder Executivo.

O SR. TONINHO NASCIMENTO - Eu vou por etapas, tentando lembrar-me de tudo. Por favor, caso eu esqueça algo, digam-me.

É óbvio que o Estado brasileiro, que o Governo tem uma dívida histórica com o esporte e a educação, isso é óbvio. Pareço-me com o senhor: estudei em escola pública e joguei no Flamengo aos 17 anos. Ou estudava, ou fazia esporte. Larguei. Portanto, isso é óbvio.

A gente está tentando, o Ministério dos Esportes tenta neste momento fazer uma aproximação, relativa ao Programa Segundo Tempo, com o Ministério da Educação. Acho fundamental trabalhar escola e esporte. Nunca entendi porque havia essa diferença. Uma coisa leva à outra.

Cito, como exemplo, o futebol feminino. Este ano, o Ministério dos Esportes, por meio da minha Secretaria, está apostando nos jogos do Escolar Sub-17 de Futebol Feminino. Vamos fazer 27 estaduais escolares Sub-17. No ano passado, os campeões disputaram a Copa Brasil Escolar Sub-17. O Vasco, representando o Rio de Janeiro, ganhou, porque tem uma escola dentro de São Januário. E isto é uma coisa que pouca gente sabe: o Vasco tem uma escola de primeiro e de segundo grau dentro de São Januário. E a equipe do Vasco ganhou.

Um assunto fundamental, que me preocupa muito, sobre o qual a gente está conversando — e por certo o Vasco é um bom exemplo —, é a questão dos empresários no futebol.

Dentro do Ministério, a gente tinha uma ideia, que já foi ultrapassada, de colocar dentro de um projeto que o direito de terceiros — que hoje já não existe na Inglaterra, na França e na Polônia — acabasse no dia 1º de janeiro de 2016.



O que acontece hoje no futebol brasileiro, segundo nós acreditamos? Segundo o Sr. Wilson Ribeiro de Andrade, do Coritiba, da Comissão de Clubes, os clubes hoje têm, mais ou menos, só 20% da propriedade dos jogadores. Quando o Sr. Manoel fala que no Vasco o garoto de 17 anos dá 20% para o pai, evidentemente o pai revende. E, evidentemente, o Vasco precisa de dinheiro e revende. Quanto o Vasco ganhou com a venda do Dedé? Zero, oco, porque tinha vendido tudo para trás.

Essa é uma questão extremamente alarmante — a UEFA está preocupada, a FIFA está preocupada —, porque na formação dos atletas já entra um empresário. Hoje os garotos estão sendo... Vê-se o caso do Elias, que não queria ir. A gente voltou à lei do passe escravocrata antigo! Do jogador, hoje, só mudou o dono: antes era o clube, agora é o empresário.

Quanto a isso, a gente está pensando até em fazer um estudo pela Fundação Getúlio Vargas, porque há um raciocínio de que, se se acabar com o direito... Mas não precisa acabar, pode-se reduzir, 51% para o clube e 49% para outros. “Se acabasse, seria um caos. O futebol brasileiro acabava!” Por isso, a gente está pensando em fazer um estudo, pela Fundação Getúlio Vargas, mostrando o seguinte: como é esse sistema nos outros países? A Espanha está preocupadíssima com isso, tanto que em março próximo deverá sair um estudo que a Real Federação Espanhola está fazendo sobre o assunto.

Portanto, quando a gente fala de formação, a gente sempre precisa ter na cabeça a questão dos empresários. Na verdade, o clube formador virou uma chocadeira para empresários.

Deputado Otavio Leite, se o senhor olhar bem, verá o seguinte: vendeu não sei quem para o Shakhtar Donetsk. Ganhou 10%? É o clube do empresário! Vem o Tombense, vem o Brasil, vem o Audax, vêm os clubes que são chocadeiras.

Portanto, este é um assunto com o qual eu me preocupo muito — desculpem-me ter entrado neste tema — e que é fundamental em toda essa discussão sobre a formação dos atletas. E isso é uma característica do futebol, não dos esportes olímpicos.

E baseado no que eu tenho lido nos últimos dias sobre as audiências aqui, eu fico um pouco assustado. O Deputado Rodrigo Maia falou isto e eu fiquei um pouco



assustado: o PROFORTE já prevê a responsabilidade dos dirigentes. Toda hora eu leio alguém dizendo: “Ah, mas a solução...” Já está. Acho que as pessoas não estão sabendo disso. Eu fico assustado. A base do PROFORTE, desse programa, é esta: a perda de pontos, se não se pagar; a responsabilidade do dirigente, com seus bens em garantias; e, como terceiro item, a auditoria externa, para ver se tem condições de pagar. Se não tiver condição de pagar, não vai entrar. Não é isso, Deputado Vicente Candido?

Por isso, fico assustado.

E há outra coisa, Deputado Rodrigo Maia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Sr. Toninho, apenas para atualizar o debate — depois o Relator pode detalhar um pouco mais —, lembro que já apareceu outra proposta, inclusive pela Série A do Brasileiro: em vez da perda de pontos, que seria mais complexo, a condição para participar do certame seria ter Certidão Negativa de Débitos — CND. Isso seria mais prático.

O SR. TONINHO NASCIMENTO - Sim, eu vi isso. É a proposta dos clubes, se não me engano.

E há outro ponto, sobre o qual o Deputado Rodrigo Maia falou: o clube empresa. Eu espero que a gente entre nessa discussão um dia, mas sempre tomando um cuidado danado. Senão, vejamos. Clube empresa: Real Madrid e Barcelona não são. O empresário Eike Batista é Botafogo doente, igual ao Deputado Rodrigo Maia. Comprou o Botafogo, 51%. Todo mundo feliz. Trouxe o Seedorf e o caramba a quatro. O que aconteceria com o Botafogo hoje? Não haveria o Botafogo, teria acabado o Botafogo, como acabou o time de vôlei do clube. Portanto, essa é uma questão um pouco perigosa.

Existe estudo sobre isto: “*Será que não é mais fácil tornar empresa, dividir, tirar o futebol?*” Isso é sempre complicado, porque, caso se tire o futebol de um clube, o passivo vai ficar com outro. E acho que este programa é interessante porque saneia as contas, para então poder fazer qualquer outro processo.

Em relação ao Deputado Vicente Candido, eu prometo passar os dados em relação ao Ministério do Esporte, o que gasta e tal, dados sobre a formação esportiva.



O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Sr. Toninho, se possível, eu gostaria que o senhor de fato providenciasse essa pesquisa o quanto antes, porque é muito relevante sabermos o que o País gasta hoje em termos de incentivo, pela Lei de Incentivo, em termos de gasto com esporte e formação.

O SR. TONINHO NASCIMENTO - Sim, mas cuidado, pois a Lei de Incentivo não é gasto, não é investimento, é abater imposto.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Certo, mas é um mecanismo que viabiliza...

O SR. TONINHO NASCIMENTO - Ah, bem! V.Exa. indaga quanto seria. Lembro que, na formação, há os centros de treinamento, os centros de excelência e tudo o mais. Eu verificarei e repassarei essa informação, sem o menor problema.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Essas informações são importantes para a gente poder se situar melhor.

O SR. TONINHO NASCIMENTO - Sim, claro.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Eu queria que o Vasco falasse um pouco mais sobre custos, os custos da base.

O SR. MANUEL PEREIRA - Nós temos atletas que moram no clube. Com estes, obviamente, a nossa despesa é maior, porque eles dormem e passam o tempo todo no nosso CT, com toda a assistência: médico, alimentação, etc. Esses não estudam no Vasco, porque a nossa sede — eu sei que os senhores não são obrigados a saber — dista 70 quilômetros do CT. Os atletas que lá moram são levados para uma escola pública que tem convênio com o Vasco. Eles são levados pelo Vasco, no ônibus do Vasco, com uma assistente social, e voltam. Esses têm um custo maior.

Mas, obviamente, a gente vai alojar primeiramente atletas de fora. Dificilmente vamos alojar atletas do Rio de Janeiro, a menos que o atleta precise fazer um trabalho específico. A exemplo, nós temos agora um jogador da Seleção Brasileira, o Caio, de 1997, com o qual nós vamos fazer um trabalho, porque ele sempre relaxa um pouco. Quando vem o primeiro salário, ele relaxa. Esse atleta tem um custo maior do que o dos outros.

Quando a gente fala nesse custo de 3 mil reais, como eu mencionei, a gente está falando do atleta que não mora conosco. E nós estamos fazendo uma média



entre aqueles que fazem a alimentação conosco e que estudam conosco, porque nós temos muitos que não estudam dentro do Vasco. Isso chega a ser uma média. Mas, para esses atletas que moram em Itaguaí, esse custo passa de 5 mil reais, porque nós temos médicos, os atletas moram em quartos com ar-condicionado, têm Internet à disposição, têm que ter uma assistente social com eles o tempo todo, têm supervisores, que tomam conta deles. Afinal, são jovens.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - O Vasco recorre muito à Lei de Incentivo?

O SR. MANUEL PEREIRA - A única ajuda que nós temos tido agora é para viagens.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Ajuda de quem?

O SR. MANUEL PEREIRA - Há uma empresa do Sul, que está captando recursos com essa Lei de ICMS e está conseguindo bancar as viagens. Mas, em termos de ajuda para a base, não.

A gente consegue, sim, patrocínios. Nós estamos conseguindo-os, de acordo com o nosso Estatuto, porque isso ainda é uma coisa muito amarrada nos clubes. Quando chega um patrocinador máster — assim como a Caixa Econômica Federal, que hoje patrocina todos os clubes ou quase todos, pelo menos grande parte deles —, amarra até à base.

Contudo, nós do clube — e estes são problemas internos — não temos direcionado isso para nós. O que nos sobra? Sobram as costas, a omoplata, a manga. E a gente tenta, com isso, arrumar patrocinadores que, embora com verbas até pequenas, ajudem-nos, inclusive nos ônibus e em outros pontos, com as vantagens que a gente tem.

Mas, se V.Exa. quiser, eu posso mandar um detalhamento de tudo que é feito pelos atletas e o custo disso para o clube. Obviamente estou falando, volto a dizer, do Vasco. No Rio de Janeiro, pelo menos — o Caio sabe disto —, todos os centros de treinamento são muito distantes do local: o Fluminense, em Xerém; o Flamengo, na Barra da Tijuca e Jacarepaguá; o Botafogo, em Niterói. Isso onera o clube, porque este tem que levar e trazer o atleta, tem que alimentá-lo, etc. E sem falar no uniforme, que tem um custo. A empresa de uniformes — no nosso caso, a Penalty — direciona, mas tira da verba que paga para o Vasco. Portanto, há um custo. Esse



custo todo é que dá em torno disso. Posso enviar os dados detalhados, caso V.Exas. queiram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Obrigado, Sr. Manuel Pereira.

Antes de devolver a palavra ao Deputado Otavio Leite, quero registrar a presença do Deputado Gustavo Petta, do PCdoB de São Paulo, recém-empossado. S.Exa. é ex-Secretário de Esportes da cidade de Campinas e ex-Presidente da UNE. Veio somar-se a nós. A partir de agora, o PROFORTE vai ficar mais forte, pois S.Exa. vem trazer sua experiência e sua contribuição.

Com a palavra o Deputado Otavio Leite.

O SR. DEPUTADO OTAVIO LEITE - Também quero cumprimentar o Deputado Gustavo Petta, cujo pronunciamento, no primeiro dia, já foi objeto de grande repercussão nos jornais do Brasil. Seja bem-vindo! Desejo a V.Exa. um bom mandato!

Quero agradecer a todos que vieram as informações prestadas, que foram muito úteis. Vamos dar sequência à nossa sina de encontrar um caminho, a saída dos atoleiros onde se encontram os cubes de futebol e os clubes de maneira geral.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Para o encerramento, vou passar a palavra ao Deputado Afonso Hamm, a quem peço a gentileza de ser sucinto desta vez. V.Exa. mesmo reconhece que é uma dificuldade grande, mas, como V.Exa. é o autor do requerimento, tem essa prerrogativa. Faço este pedido porque os nossos convidados já estão no limite do horário para dirigirem-se ao aeroporto, mas querem ouvir V.Exa. Assim, sairemos todos juntos.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Em primeiro lugar, quero agradecer a todos que aqui estão e fizeram parte desta audiência pública. Mais uma vez, reforça o Deputado Vicente Candido, que preside esta nossa sessão, que há necessidade de propiciarmos este espaço, a fim de que tenhamos cada vez mais conhecimento e consistência para legislar de forma apropriada, tanto espaço aos clubes de futebol quanto aos clubes formadores de modalidades olímpicas, para conhecermos essas realidades.



Fundamentalmente, quero frisar bem que nós estamos buscando recurso não de Governo, para sanear a dívida dos clubes. A ideia do PROFORTE é exatamente buscar recurso que venha de novas receitas. No caso, fundamentalmente, uma boa fatia delas ou uma fatia expressiva viria de novas loterias, de novas modalidades, a exemplo da Rospadinha.

E a ideia que nós apresentamos é também fortalecer e dar ênfase ao fundo formador. O Relator, Deputado Otavio Leite, terá a capacidade de reunir todas as contribuições dadas ao longo das audiências públicas, assim como o próprio Vice-Presidente e Presidente em exercício, Deputado Vicente Candido. A ideia é termos consolidado esse fundo, que deve ter várias fontes. Hoje está identificado que falta recurso para formar. E quanto mais na base, quanto mais precoce a idade do atleta, maior é a deficiência, o déficit, a escassez ou até a inexistência de recurso. Por isso, nós entendemos que a contribuição do PROFORTE é fundamental.

Um eixo estruturante, uma reestruturação, um novo momento para o esporte brasileiro, quer para o futebol, quer para as modalidades olímpicas, nós temos efetivamente condição de estabelecer através dessa legislação, como contribuição. E já citamos o que viemos avançando em relação à legislação: reformulação da Lei Pelé, regulamentação, certificação de clubes formadores, distribuição de recursos. Já temos leis. Talvez a eficiência e a eficácia na distribuição dos recursos ainda não estejam acontecendo, mas nós temos aqui uma excelente oportunidade, através do PROFORTE, de motivarmos e promovermos contribuição significativa para a estruturação do esporte brasileiro.

Quero agradecer imensamente a oportunidade e agradecer a todos a presença.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Vicente Candido) - Mais 1 minuto para o encerramento. Vou retirar de ofício alguns requerimentos da pauta, por ausência dos requerentes.

Quero submeter à Comissão apenas um item da pauta, o item 5. *(Pausa.)*

Estou retirando de ofício os itens 5 e 6 da pauta. Vamos submeter a aprovação os itens 3 e 4.



Requerimento nº 38, de 2014, dos Srs. Otavio Leite e Vicente Candido, que *“solicita seja convidado para reunião de audiência pública o Sr. Alexandre Tombini, Presidente do Banco Central, com o objetivo de esclarecer a situação da dívida dos clubes de futebol perante a entidade”*.

Os Deputados que concordam com o requerimento permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado o requerimento.

Estou retirando o item 3, o item 5 e o item 6 da pauta, e também os itens 1 e 2.

Vamos ao encerramento da nossa sessão.

Nada mais havendo a tratar, vou declarar encerrada a presente reunião, antes convocando audiência pública para o dia 26, quarta-feira, às 14 horas, em plenário a ser definido.

Informo ainda aos Srs. Deputados que teremos a realização de seminário regional na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, sob a coordenação do Deputado Edinho Bez, nesta sexta-feira, dia 21, às 14 horas.

Obrigado a todos os participantes.

Dou por encerrada a presente sessão.